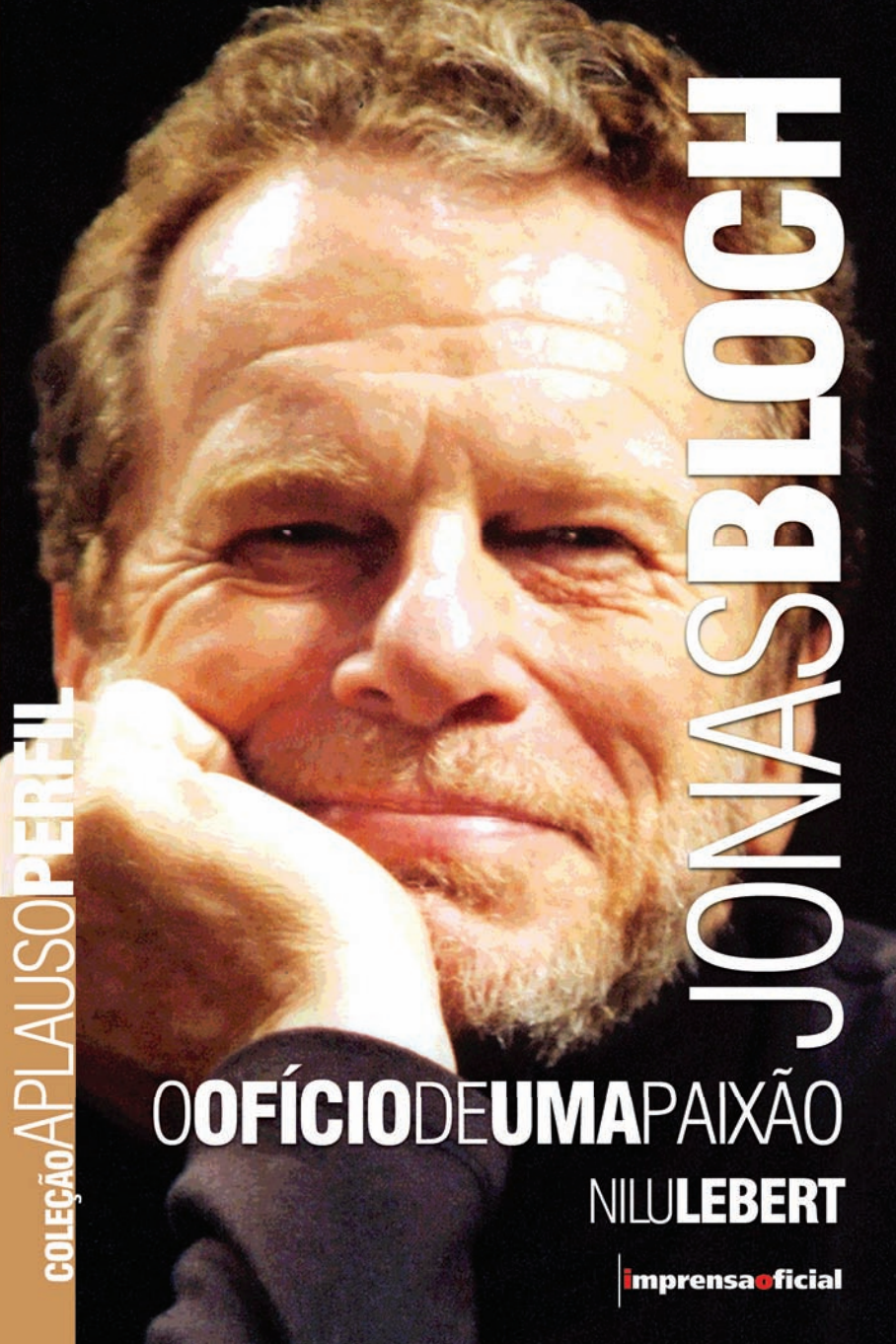


A close-up portrait of a man with curly brown hair and a light beard, resting his chin on his hand. The background is dark.

COLEÇÃO APLAUSO PERFIL

JONAS BLOCH

O OFÍCIO DE UMA PAIXÃO

NILU LEBERT

imprensa oficial

Jonas Bloch

O Ofício de uma Paixão

Jonas Bloch

O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

| imprensaoficial

São Paulo - 2009



Governador José Serra

imprensa**o**ficial

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Diretor-presidente

Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral

Rubens Ewald Filho

Apresentação

Segundo o catalão Gaudí, *não se deve erguer monumentos aos artistas porque eles já o fizeram com suas obras*. De fato, muitos artistas são imortalizados e reverenciados diariamente por meio de suas obras eternas.

Mas como reconhecer o trabalho de artistas geniais de outrora, que para exercer seu ofício muniram-se simplesmente de suas próprias emoções, de seu próprio corpo? Como manter vivo o nome daqueles que se dedicaram à mais volátil das artes, escrevendo, dirigindo e interpretando obras-primas, que têm a efêmera duração de um ato?

5

Mesmo artistas da TV pós-videoteipe seguem esquecidos, quando os registros de seu trabalho ou se perderam ou são muitas vezes inacessíveis ao grande público.

A *Coleção Aplauso*, de iniciativa da Imprensa Oficial, pretende resgatar um pouco da memória de figuras do Teatro, TV e Cinema que tiveram participação na história recente do País, tanto dentro quanto fora de cena.

Ao contar suas histórias pessoais, esses artistas dão-nos a conhecer o meio em que vivia toda uma classe que representa a consciência crítica

da sociedade. Suas histórias tratam do contexto social no qual estavam inseridos e seu inevitável reflexo na arte. Falam do seu engajamento político em épocas adversas à livre expressão e as consequências disso em suas próprias vidas e no destino da Nação.

Paralelamente, as histórias de seus familiares se entrelaçam, quase que invariavelmente, à saga dos milhares de imigrantes do começo do século passado no Brasil, vindos das mais variadas origens. Enfim, o mosaico formado pelos depoimentos compõe um quadro que reflete a identidade e a imagem nacional, bem como o processo político e cultural pelo qual passou o País nas últimas décadas.

6

Ao perpetuar a voz daqueles que já foram a própria voz da sociedade, a *Coleção Aplauso* cumpre um dever de gratidão a esses grandes símbolos da cultura nacional. Publicar suas histórias e personagens, trazendo-os de volta à cena, também cumpre função social, pois garante a preservação de parte de uma memória artística genuinamente brasileira, e constitui mais que justa homenagem àqueles que merecem ser aplaudidos de pé.

José Serra

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.

Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa a resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileira vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

7

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira, no tempo e espaço da narrativa de cada biografado.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

8

Muitos títulos extrapolam os simples relatos biográficos, explorando – quando o artista permite – seu universo íntimo e psicológico, revelando sua autodeterminação e quase nunca a casualidade por ter se tornado artista – como se carregasse desde sempre, seus princípios, sua vocação, a complexidade dos personagens que abrigou ao longo de sua carreira.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente a nossos estudantes, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Desenvolveram-se temas como a construção dos personagens interpretados, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns dos personagens vividos pelos biografados. Foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Gostaria de ressaltar o projeto gráfico da *Coleção* e a opção por seu formato de bolso, a facilidade para ler esses livros em qualquer parte, a clareza de suas fontes, a iconografia farta e o registro cronológico de cada biografado.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que nesse universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente da
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Apresentação

As duas biografias que tive o prazer de escrever para a Coleção Aplauso foram as dos atores Sérgio Viotti e Beatriz Segall. Sou amiga de ambos há décadas, e já havia uma aliança sedimentada entre nós, uma espécie de cumplicidade explícita que facilitou nosso trabalho.

Com Jonas foi diferente, já que eu só o conhecia através de seu trabalho como ator. Mesmo sendo amiga de Deni, filha caçula e fã ardorosa do pai, nunca havia visto Jonas fora das telas ou dos palcos, e nosso primeiro encontro se deu aqui em São Paulo, na minha casa. Mas, talvez em função dos muitos *e-mails* e telefonemas trocados antes disso, ao vê-lo entrar senti que estava recebendo um amigo de velha data. Esse sentimento foi-se fortalecendo enquanto conversávamos e eu pude perceber – na sua forma de olhar – toda a transparência de um caráter firme, honesto e direto.

Escrever um livro a quatro mãos é como dançar um tango: exige confiança, sincronismo, maleabilidade e, sobretudo, o prazer dos parceiros envolvidos pela música/texto. Requer também ensaios, para acompanhar o ritmo sem *atropelar* a narrativa, numa coreografia que envolve – mais do que passos – pesquisas e muitos parágrafos recheados pelas experiências da vida do biografado. Jonas, morando e trabalhando no Rio de Ja-

neiro. Eu, em São Paulo, diante do computador. Ele, do outro lado da tela. Aos poucos, fomos acertando pausas, eliminando o supérfluo, percorrendo o salão/tela com passos cada vez mais sincronizados. A trajetória de Jonas é uma partitura cheia de nuances, e o nosso tango/livro precisava ser fiel a ela. Ouvir e narrar, privilegiar emoções, buscar fatos e sentimentos, obedecer à música do relato. Era necessário marcar outro encontro.

12

Ele veio à terra do profeta novamente. No intervalo entre o primeiro e este segundo encontro, trocamos dezenas de *e-mails*, *bordamos* o texto, procurando privilegiar os fatos mais relevantes. Relemos, ponderamos, refizemos os acordes do *tango* obedecendo à sua musicalidade.

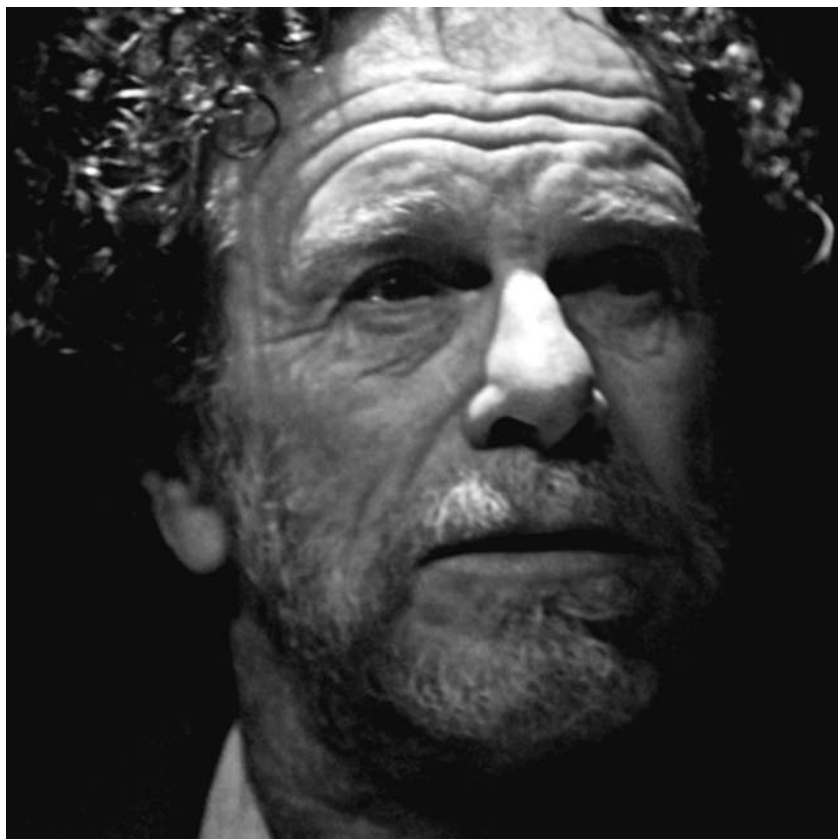
Jonas chegou carregando uma pasta recheada de fotos (a maioria você verá nesse livro) e, descrevendo cada uma delas, ele alternava diferentes sentimentos diante das imagens que se sucediam. Pude ouvi-lo relatar saudades, alegrias, algumas tristezas, orgulho e gratidão, uma espécie de caleidoscópio de emoções formado pelas suas vivências. Percebi então que Jonas se jogou sem rede de segurança em todas elas e, outra vez, me curvei em respeito a essa intensidade, a essa integridade.

Assistimos juntos ao DVD de um programa de TV a cabo que ele fez com a filha Debora al-

guns anos atrás. Separadamente, pai e filha deram depoimentos sobre o mesmo tema: a casa onde moraram, a relação com o teatro, as lembranças de infância e, sobretudo, a certeza do amor incondicional que os une. Quando o programa terminou, emocionado, Jonas não conteve as lágrimas. Lágrimas de orgulho, de felicidade por ver suas sementes germinadas e já florescendo.

Confesso que também fiquei comovida com essa sua sensibilidade sempre à flor da pele, a mesma sensibilidade que ele tem ao pintar suas telas ou ao fazer suas esculturas. Muitas delas decoram a pousada que ele tem com a mulher, Sylvia, em Minas Gerais. Outros desenhos foram feitos especialmente para as camisetas, bolsas, bonés e mochilas que são vendidos por lá. Uma dessas camisetas ele me deu como lembrança do nosso trabalho. Ela é preta e traz o desenho um cavalo veloz, elegante, galopando pela vida com alegria, vigor e coragem. Essa imagem, para mim, é um autorretrato do autor. Porque é exatamente assim que ele vive, percorrendo os mais diversos campos da Arte e da Vida com garbo, energia e muito, muito valor.

Me envolvi nesse nosso livro/tango procurando acompanhar os passos de Jonas, passos que ele conduziu ouvindo músicas vindas do coração. Sendo assim, fica aqui o convite para que você se junte a nós e participe dessa dança conosco.



Em Senhor das Flores

Introdução

Que sentido tem a vida de um ator? Será ela semelhante a um espetáculo de teatro que, finda a temporada, não resta nada além de alguns recortes de jornais? Me fiz várias vezes essa pergunta, sobretudo ao lembrar de alguns atores que já se foram. Pensava na energia e paixão que eles dedicaram aos seus trabalhos, no suor e na angústia, no empenho que tinham em dar o melhor de si para – através de sua arte – tocar a mente e o coração do público, numa tentativa de despertar sua consciência e transformar a sociedade. No entanto, as novas gerações nem sabem da existência deles.

15

Segundo um personagem de Shakespeare: *A vida é uma fábula contada por algum idiota, cheia de sons e fúria significando nada (Life is a tale told by an idiot full of sound and fury meaning nothing)*. Não, não posso concordar. Minha visão de mundo, assim como a da minha geração – que viveu os terríveis dias da Ditadura – foi ampliada pelo teatro. Foi ele que nos alimentou com o ideal de Liberdade e nos ajudou a mudar o País, hoje mais livre e mais aberto, um Brasil que essa nova juventude usufrui e não sabe que deve isto também a tantos artistas ignorados. Recorro então ao mestre Guimarães Rosa, e concordo quando ele diz que *a realidade não está na partida, nem na chegada, mas na travessia*. Nesse terceiro ato de minha vida, tendo vivido

uma bela travessia nas Artes, espero ter passado adiante o que recebi desses abençoados artistas, deixando também minha semente, seja através dos espetáculos que fiz, dos cursos que ministrei, das atividades políticas, ou simplesmente dos meus atos. Tomara que eles ajudem a criar melhores dias no futuro.

16

A felicidade, ao contrário do que se propaga por aí, não se restringe à simples busca de bens materiais. Existem outras dimensões na vida, a poesia e o afeto, a magia e a solidariedade, e é através da arte que podemos percebê-las. Espero ter revelado esse caminho em meus trabalhos, e desejo que esse conceito seja levado adiante. Se não consegui atingir plenamente esse objetivo, ainda assim sinto que deixei meu recado e meu legado ao menos no coração de duas pessoas extraordinárias e que dão um permanente encanto à minha vida: minhas filhas Debora e Deni.

Acredito que, para os leitores em geral, o relato de uma experiência de vida sempre traz algum aprendizado, além da oportunidade de viajar por universos ainda não visitados. Para aqueles que sonham em se tornar profissionais desta Arte e têm poucas fontes de informação sobre a carreira, desejo sinceramente que possam tirar proveito dos meus acertos e tropeços.

É hora de começar nossa viagem no tempo.

Capítulo I

Álbum de Família

Era um dia ensolarado de verão e Leon Bloch, meu avô, chegava ao Rio de Janeiro com o coração pulsando de esperança e a sensação de alívio por estar longe do pesadelo que o ameaçava na Ucrânia. Nascido e criado na cidade de Zytomir, ele finalmente encontrara o lugar ideal para construir uma nova vida, em paz.

Tudo começou naquele início de século, quando o mundo passava por grandes transformações e as conturbações sociais do seu país deixavam a aristocracia em desespero. O clima era de revolta, e o czar, não achando outra solução, lançou mão do artifício de encontrar um bode expiatório. E, como a História da Humanidade registra, os judeus seriam outra vez os escolhidos. Podendo confiscar seus bens, o czar melhoraria as finanças do país e poderia se esquivar de sua responsabilidade, jogando a culpa em ombros inocentes. O povo, indignado, teria em quem descarregar sua revolta, e sua autoestima ficaria inabalada. Não seria a primeira vez que isto ocorreria na História, enquanto o povo judeu não tivesse uma pátria.

A vida de Leon se tornara insustentável e ele fugiu para a Áustria. Nas pequenas aldeias europeias, era difícil encontrar um noivo judeu quando uma moça judia estava em idade de se casar.



Jonas com sua mãe, Bertha

Assim como era costume na aristocracia (por razões políticas e econômicas), os casamentos dessas moças também eram feitos através de profissionais encarregados de trazer um pretendente que recebia um dote do pai da moça. Era cultural, não havia espaço para romances. Não sei se foi isso que aconteceu com Leon, mas minha avó, Sabina, sendo de família abastada, casou-se com ele. Tiveram dois filhos, Gusty e Henrique. Com o tempo, o antisemitismo crescia na Áustria e Leon, outra vez, sentiu que era hora de fugir. Sabendo de tantos judeus que migraram para a América do Sul, escolheu a Argentina.

Sob o protesto de Sabina, foram com os filhos para Buenos Aires, levando uma vida bem mais difícil da que tinham na Europa. E Sabina, grávida do terceiro filho (Leopoldo), não suportou viver em condições tão piores e resolveu voltar para a Áustria, abandonando o marido.

19

Depois de algum tempo, a comunicação com a Áustria esteve censurada, mas Leon, que não sabia disso, imaginou que a falta de resposta de Sabina às suas cartas significasse o fim do casamento. Leon decidiu trocar a Argentina pelo Brasil e foi morar em Salvador. Lá, um sentimento novo tomou conta de seu coração: ele apaixonou-se por Tânia. Não podendo se separar oficialmente de Sabina, Leon se tornou bígamo.

Movido pelo entusiasmo de um homem apaixonado, somado à felicidade de estar num país acolhedor, trabalhou com afinco e começou a fazer o seu patrimônio, o que permitiu que ele se mudasse com Tânia para o Rio de Janeiro. O tempo foi passando e as notícias da Europa começaram a chegar. As cartas de seu irmão Joseph, da Ucrânia, davam conta de que os bens da família haviam sido confiscados e que eles passavam fome. Da Áustria, Sabina comunicava o nascimento do novo filho.

20

Um novo pensamento começou a povoar os sonhos de Leon: trazer os filhos e toda a família da Ucrânia para o Brasil. Através de um parente de Tânia, que foi para Europa providenciar o resgate de todos, ele enviou dinheiro e, aos poucos, foi trazendo o restante da família, ou seja, dezoito parentes, além de seus três filhos! Seu irmão Joseph montou – logo que chegou ao Rio de Janeiro – uma pequena gráfica que se desenvolveu rapidamente. Anos depois, seus filhos a transformaram na Bloch Editores que publicava, entre muitas outras, a famosa revista *Manchete*. Posteriormente, ela deu origem à TV e Rádio Manchete, a atual Rede TV!

Depois de muita burocracia, do envio de dinheiro e documentos, finalmente chegou o dia tão esperado da chegada dos filhos. No cais do porto, para recebê-los, estavam Tânia, meu avô e alguns parentes dela, inclusive Naum, irmão de

Tânia, que ao ver Gusty (a filha de Leon) ficou encantado por ela. Casaram-se pouco depois e tiveram três filhas, Paulina, Greta e Mary, que desempenharam importante papel na minha vida.

Muito emocionado, Leon abraçou os filhos e os levou para casa, mas os parentes de Tânia permaneceram no cais, esperando alguém desembarcar. Minha avó Sabina, a primeira mulher de Leon, havia chegado escondida no mesmo navio.

Mais ou menos na mesma época, e também foragida da Ucrânia, a família Lerman, composta por David, Rosa e os filhos Samuel, Albertina e Bertha (minha mãe) instalou-se em Porto Alegre, onde montou um pequeno armazém no bairro do Bonfim. Talvez pelo medo de serem identificados como judeus muitos trocavam seus nomes ao chegar ao Brasil. Minha mãe, por exemplo, chamava-se Basia e virou Bertha; Sabina era Sima. Riwka, minha avó materna, passou a se chamar Rosa. Quando minha mãe veio passar as férias no Rio, conheceu um rapaz alegre, sedutor e boêmio, que cantava tangos e se vestia elegantemente. Era Henrique, meu pai. O casamento veio logo a seguir. Nasci um ano depois, a 8 de fevereiro de 1939, no Hospital São Sebastião, no bairro carioca da Glória.

Não me lembro do meu pai, ele faleceu antes que eu completasse três anos. Além de algumas fotos, as informações que tenho são da sua ale-

gria, da sua vida boêmia, de seu gosto em se vestir bem. Dizem também que ele foi um grande cantor amador e que, nas boates, pegava o microfone e cantava tangos muito bem. Morreu cedo, por ainda não existir a penicilina.



Jonas com os avós maternos, Rosa e David, e seus pais no casamento, Bertha e Henrique



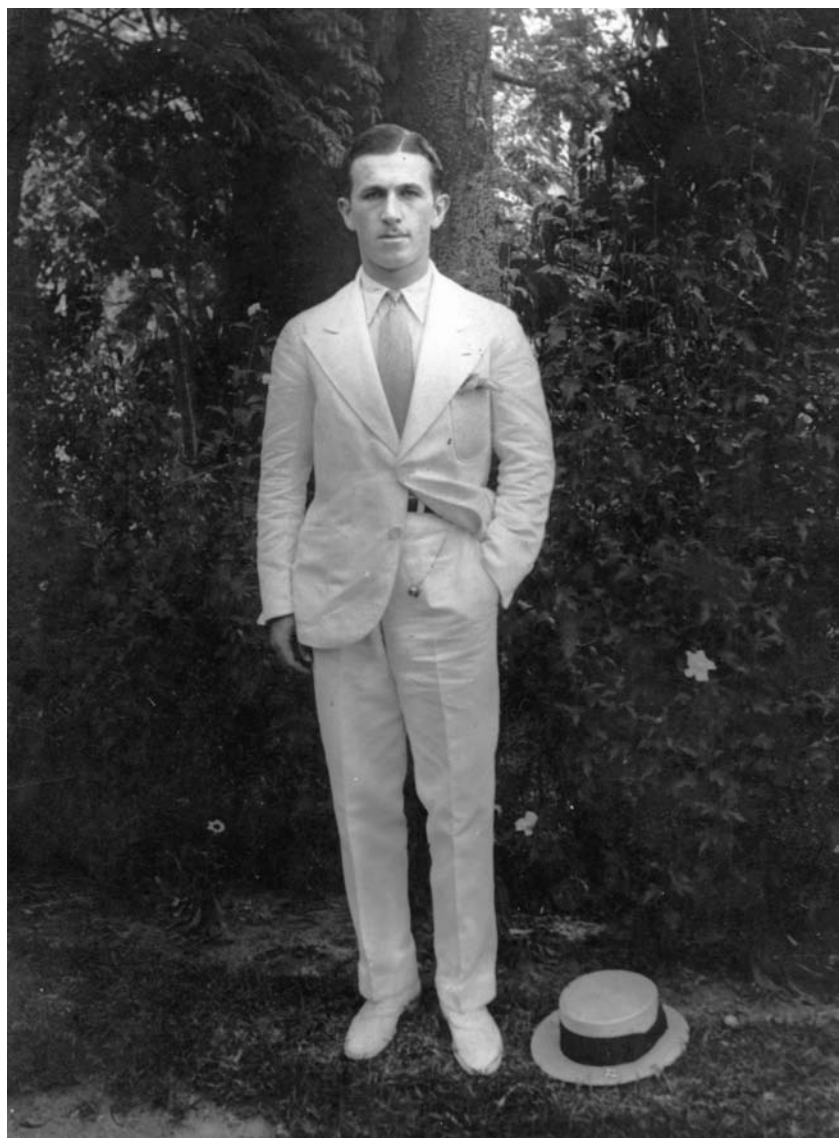




Seus pais, Bertha e Henrique



Seus pais





Com a avó Sabina no Bar Mitzvá

Capítulo II

Pão, Amor e Fantasia

Minha mãe, ao ficar viúva e precisando trabalhar, me colocou num colégio interno, já que não tinha como cuidar de mim. Fui para o Colégio Carlos Werneck, em Petrópolis, o único colégio que aceitava meninos tão pequenos. As visitas eram quinzenais e, algumas vezes, eu ia para o Rio. Lembro-me de um fim de semana em que todos os alunos tinham ido para suas casas, menos eu. O colégio era imenso e eu estava no pátio, só, esmagado pela noite escura e pelo silêncio insuportável. Comecei a chorar. Um funcionário ouviu meu choro e, sem saber o que fazer, comprou uma bisnaga de pão e uma lata de leite condensado para me consolar. Aquilo fez com que eu me sentisse, de fato, menos infeliz. Na época, eu devia ter quatro ou cinco anos. Bem mais tarde, fiz algumas parcerias na vida que não deveria ter feito. Metaforicamente falando, creio que as aceitava por medo de ficar sozinho, o *estar junto* era como o pão com leite condensado, ou seja, dava a sensação de me sentir protegido e acolhido. Hoje percebo que poderia ter sido mais seletivo. Não havia mais o muro do internato.

29

Na época, ultrapassar o muro daquele internato e alcançar a rua era tudo o que eu desejava, e estava disposto a fazer qualquer coisa para sair dali e sentir o gosto da Liberdade. Foi as-

sim que, mesmo sendo judeu, ia à missa aos domingos e cheguei até a ser coroinha numa procissão para não ficar confinado no colégio. Mas a suprema felicidade era quando nos levavam, aos domingos, ao cinema Dom Pedro, mais tarde transformado em teatro. Abro aqui um parênteses para dizer que mais de 50 anos depois, senti uma forte emoção ao me apresentar lá como ator no espetáculo *Hilário*.

30

Fiquei interno até os 10 anos, quando minha mãe, que já estava casada com um médico amazonense, me trouxe de volta ao Rio. Deste segundo casamento nasceu minha irmã Eleonora, de quem tomei conta inúmeras vezes e por quem tenho um enorme carinho. Quando saí do internato, a minha maior alegria era quando eu alugava uma bicicleta e saía pedalando, o vento no rosto, a liberdade até então proibida de percorrer as ruas, de ver as pessoas sentindo o cheiro do mar. Era como se eu fosse o Senhor dos Céus, um pássaro voando sem limites.

Minha mãe era uma pessoa alegre, cheia de energia. Cozinhava bem e chegou a publicar um livro de receitas. Frequentemente dava jantares beneficentes para entidades de amparo social, tanto judaicas como cristãs, e também organizava desfiles de fantasias de carnaval que ela mesma apresentava e, com isso, arrecadava fundos para trabalhos sociais. Quanto ao meu padrasto, eu logo pressenti que ele

era uma fraude. Uma farsa encoberta pela rigidez, por uma conduta religiosa, e pelo moralismo exacerbado (a ponto de rejeitar uma sobrinha porque tinha se desquitado). Ele até proibiu minha mãe de usar calças compridas... Só foi desmascarado depois que morreu, ao descobrirmos que ele, durante muito tempo, manteve um apartamento para uma amante. A primeira coisa que minha mãe fez após sua morte foi colocar uma calça comprida e uma blusa bem colorida. Ele era dono de uma clínica de doenças venéreas em plena Lapa, reduto do meretrício e marginalidade. Além disso, era médico da antiga penitenciária Lemos de Brito, o que dá para se ter uma ideia do universo em que ele vivia e da carga desfavorável que ele trazia pra casa. Sobretudo, para a formação de um adolescente recém-saído de um colégio interno (ou inferno?).

31

Em compensação, encontrei aconchego e grande calor humano na casa de minha tia Gusty, já viúva, onde também moravam minha avó Sabina e suas três filhas, que me enchiam de carinho. Ali eu me sentia feliz. Eu e minhas primas nos divertíamos muito, especialmente quando criávamos shows para apresentar nas festas da família. Os comentários das pessoas sobre minha atuação eram tão carinhosos que, às vezes, penso ter escolhido esta profissão para continuar a ter esse carinho que tanta falta me fez na infância. Minhas primas se instalaram em meu

coração. Elas sempre foram uma mistura de amigas, irmãs e mães, minhas fadas-madrinhas. Até os nomes, Paulina, Greta e Mary, parecem ser nomes de fadas. Foi uma etapa da minha vida em que passei dividido entre a casa da minha mãe e da minha tia, convivendo com as primas e tendo a felicidade de ter várias mães.



Com o tio Leopoldo, Paulina, Mary e Greta (atrás)

Capítulo III

Aurora da Minha Vida

Eu frequentava o CIB, um clube judeu em Copacabana, onde jogava basquete. Lá, fui convidado para participar de um show infanto-juvenil que estava sendo montado. Num dos números musicais eu cantava *Boneca de Piche*, fazendo dupla com a Flora Purim, que se tornou uma consagrada cantora de jazz nos Estados Unidos. A partir daí, passei a criar e a apresentar shows nos bailes de fim de semana do clube, uma trajetória que não teria volta. Não passei pela angústia que a maioria dos adolescentes passa ao decidir qual carreira devem seguir: eu já sabia meu destino desde cedo.

33

Aos 14 anos, meu padrasto exigiu que eu trabalhasse nas férias, e meu primeiro emprego foi como atendente numa oficina de carros... Quando completei 16 anos, ele me disse que eu tinha que estudar à noite e trabalhar durante o dia, aprendendo uma profissão. E completou: *Você pode ser o que quiser, até mesmo sapa-teiro, mas terá que ser um bom profissional. O que é que você quer ser?* Ator, respondi. A casa caiu! Para a minha família, aquela era uma escolha inviável. Naquela época, os atores eram vistos como marginais, *uma profissão para homossexuais ou prostitutas*, e os salários não davam para sobreviver. E não davam mesmo!



O show no CIB

Meu padrasto trouxe folhetos de inscrição em concursos para admissão na Escola Naval, de onde eu sairia oficial, e *poderia viajar pelo mundo todo*, um jeito para me desviar do caminho já traçado na minha alma. Cheguei a pensar que entrar para a Escola Naval seria uma forma de ele se livrar de mim e eu dele, além do fascínio que seria viajar pelo mundo. Olhando para trás, imagino que, naquela época, estar casado com uma viúva que já tinha um filho era constrangedor. Recusei todas as propostas oferecidas por ele e insisti em trabalhar em algo que gostasse.

Foi quando surgiu a promessa de que eu dirigiria shows de Natal na Mesbla (uma loja de departamentos), onde meu padrasto conhecia o chefe de pessoal. *O show é para o Natal e, por enquanto, você irá trabalhar em outro departamento. Qual você prefere?* Respondi que gostaria de algo na área artística, como, por exemplo, desenho de propaganda. Disseram então que – enquanto não chegasse o Natal – eu trabalharia em uma seção onde iria desenhar cartazes, mas, em vez disso, eu passava o dia colocando tipos de metal numa máquina para imprimir cartazes manualmente e desenhava pequenos preços para serem colocados nas mercadorias.

Na mesma sala em que eu trabalhava, funcionava a seção de Vitrines e Decoração. A decoradora, vendo meu interesse em desenho, con-

vidou-me a ajudá-la e fui aprendendo a fazer plantas e projetos, o que tornou meu emprego menos árido. Foi então que descobri um curso de teatro da Fundação Brasileira de Teatro, da Dulcina de Moraes. Como era após o expediente, me inscrevi. Fui aluno de ícones do teatro, como Adolfo Celli, Henriette Morineau, Maria Clara Machado, Junito Brandão e Dulcina de Moraes e, na escola, havia estudantes como Rubens Correa e Ivan de Albuquerque, que tiveram uma linda trajetória no Teatro Ipanema.

Capítulo IV

Um Gosto de Mel

Passei a trabalhar na seção de decoração e, como já estava desenhando, pedi um aumento – que me foi negado porque eu não era formado em Artes. Então, prestei vestibular para a Escola de Belas Artes da Universidade do Brasil, que aceitava alunos do segundo grau, e entrei na faculdade, passando a trabalhar na loja só em meio expediente. Pela manhã, estudava Artes Plásticas, à tarde desenhava projetos de decoração e, à noite, fazia o curso de teatro. Ah, devo dizer que o prometido show de Natal nunca existiu.

A escola de teatro costumava montar espetáculos com atores profissionais e aproveitava seus alunos para completar o elenco. Quando encenaram *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, um dos atores ficou doente durante a temporada. Mesmo estando no primeiro ano, fui convidado a substituí-lo no papel do palhaço até que ele pudesse voltar. E foi assim que se deu a minha estreia no teatro profissional.

37

Para completar, e creio que por uma artimanha do destino, certo dia, viajando num micro-ônibus (lotação), vi que lá estava Jaci Campos, o diretor e apresentador do *Câmera Um*, programa de suspense da TV Tupi, que eu assistia sempre e adorava. Chovia muito, e só eu tinha um guarda-chuva.

Quando desci do lotação, eis que Jaci Campos também desce e pega carona em meu guarda-chuva. Não resisti e disse a ele que não perdia seu programa, e também que eu deveria ter mais crédito no elogio porque era estudante de teatro. Ele me respondeu que, por coincidência, precisava de um ator para fazer um garçom alemão, uma pontinha, e tendo eu o tipo físico adequado, me convidou para o papel. O texto do programa era entregue aos atores na terça-feira para ir ao ar, ao vivo, na sexta seguinte. Assim, nervoso e tentando *incorrrporrrrrrr* um sotaque alemão, fiz minha estreia ao vivo na televisão...

Durante quase dois anos permaneci no programa interpretando pequenos papéis. Os colegas de Belas Artes e do curso de teatro faziam chacota, perguntando o que eu seria na próxima semana... Garçom, porteiro, ou o quê? Até que um dia Jaci Campos me telefona dizendo que eu faria o papel-título do programa. Avisei a todos para que não deixassem de assistir. O programa começou e, antes de entrarem os créditos, eu aparecia numa bicicleta, como estafeta (carteiro), trazendo quatro telegramas na mão. Surgia um caminhão, me atropelava, eu morria, e aí apareciam os créditos de abertura com o título do programa *A Morte do Estafeta*. A história era baseada em quatro personagens cujos destinos foram mudados porque não receberam os telegramas. Mas ainda assim eu era o estafeta, o papel-título...



Na TV Tupi, programa Câmera Um: A Morte do Estafeta

Pleno de realizações, eu estava feliz. Havia até jogado no time juvenil de basquete de clubes como o Flamengo e o Fluminense, cursava o segundo ano de Belas Artes, atuava em TV e estudava teatro. Mas chegou a idade em que deveria me alistar no Exército, o que significava interromper minhas atividades. A única solução seria fazer o CPOR, um curso para formar oficiais da reserva em horário especial e, assim, eu não precisaria abandonar tudo que fazia. No entanto, meu padrasto não permitiu. *Ser soldado de tropa é que fará de você um homem*, disse ele. Revoltado, tive que aceitar. Foram três meses de tropa no Forte Copacabana e mais nove meses como tradutor na Escola Superior de Guerra. Para nada. Depois disso, e com os constantes desrespeitos que sofri, saí de casa e fui morar em uma pensão.

Foram tempos difíceis. Eu dividia um quarto com mais dois vendedores de uma loja de roupas e me sentia deprimido e triste. Não conseguia dormir e andava pelas areias de Copacabana madrugada adentro até ficar exausto. É claro que não era nada fácil sobreviver de teatro e TV, e havia muita dificuldade em se conseguir um trabalho. Eu já era muito grande para fazer papel de menino e muito menino para fazer papel de adulto. Nunca me esqueço do dia em que coloquei minha última moeda no balcão de um bar para pagar um café-com-leite, pão e manteiga.

Naquele momento, achei que seria melhor desistir da ideia de ser ator.

Quando a fome apertava, eu tinha a certeza que minha avó me salvaria, porque uma das alegrias das mulheres judias é dar comida às visitas, aos filhos e aos netos. Guardo na memória o sorriso de satisfação de minha avó Sabina vendo o neto que nunca queria comer (a não ser o cachorro-quente de lanchonetes) agora se deliciando com as costeletas que ela costumava fazer. Minha prima e madrinha Paulina, sabendo de minha situação, sugeriu que eu fosse para Belo Horizonte, onde morava sua irmã Mary, casada com um arquiteto. Eles poderiam me acolher e, assim, começou uma nova etapa em minha vida.

Capítulo V

Oh! Oh! Oh! Minas Gerais!

Cheguei a Belo Horizonte em 1959. Com a experiência adquirida em decoração e com o aprendizado da Escola de Belas Artes, aluguei uma mesa de desenho no escritório de Henri, meu primo arquiteto, e comecei a fazer projetos de decoração. Como eu era jovem, tinha algum talento, cobrava barato e havia poucos decoradores na cidade, tudo deu certo. Mary se tornou a minha grande referência familiar, ela e o marido me deram calor humano e o sentimento de ter uma família, era tudo que eu precisava. Mantemos, até hoje, uma cumplicidade de amigos íntimos. Seu marido, Henri, sempre me apoiou e se tornou um querido irmão.

43

O tempo foi passando e eu já havia desistido da profissão de ator quando vi, numa vitrine, um cartaz anunciando testes para obtenção de bolsas de estudo no teatro universitário da Universidade Federal de Minas Gerais. Aquele cartaz oferecendo a chance de estudar teatro e ainda ganhar algum dinheiro parecia um sonho. Impossível perder uma oportunidade como aquela! Passei no teste, e nossa primeira encenação foi a da poesia *O Caso do Vestido*, de Carlos Drummond de Andrade, num Festival de Estudantes de Brasília, quando a cidade ainda nem tinha sido inaugurada.

As ruas estavam em construção, com muito barro e muita poeira, parecia o cenário de um filme de faroeste.

Chegou o ano de 1964, época em que João Goulart (eleito vice-presidente democraticamente) substituíra o presidente Jânio Quadros, que havia renunciado. Jango, como era conhecido, tentava implantar as reformas de base, contrariando os interesses da elite e do governo americano. Veio então o golpe militar que implantou a ditadura, o início de uma era de obscurantismo, medo e barbárie, que emporcalhou nossa História. Naquele ano dirigi e atuei em *Os Fuzis da Sra. Carrar*, de Bertold Brecht. Era a primeira vez que se montava Brecht em Minas Gerais. Vale dizer que a peça se passa na Espanha e conta a história da Sra. Carrar, que perdera o marido na luta armada contra a ditadura de Francisco Franco. Ela não deixa seus filhos entrarem na luta e se recusa a entregar os fuzis do marido ao seu irmão revolucionário. A peça começa com a Sra. Carrar colocando um pão no forno, e termina com ela vendo o filho morto, assassinado pelo regime, mesmo sem ter se participado da luta. Percebendo que não existe posição neutra, ela entrega ao irmão o pão e os fuzis. Como ela, o pão havia ficado pronto.

Alguns amigos me alertaram para o perigo que eu corria por encenar uma peça com este tema.

Fui ao comando do Exército e disse ao responsável, um subtenente, que haviam me alertado da inconveniência em montar o espetáculo, mas que eu achava um absurdo alguém ver perigo em algo que se passava na Espanha, e em outra época. No fundo, eu esperava ser chamado de cínico e de atrevido, e cheguei a temer a ira do subtenente. Mas, para meu espanto, ele disse: *Tudo bem, você encena a peça, só que antes de começar o espetáculo você tem que avisar a plateia que ela não tem nada a ver com o Brasil.* Respondi prontamente: *Juro ao senhor que vou fazer isto.* E fiz. A plateia, ao ouvir aquela informação, dava uma gostosa gargalhada.

Naquele mesmo ano passei a escrever duas colunas no jornal *Correio de Minas*, uma sobre teatro, outra, sobre decoração. O editor-chefe do jornal era Fernando Gabeira. Na coluna de teatro, comecei um movimento para que fosse formada uma Associação Mineira de Teatro. Convoquei os grupos para uma reunião, mas como não tínhamos onde nos reunir, fizemos nosso primeiro encontro em um bonde que ficava estacionado durante a noite em frente à redação. Tempos depois, Gabeira, já editor do *Jornal do Brasil*, deu ampla cobertura ao nosso espetáculo *Oh! Oh! Oh! Minas Gerais*, quando fizemos uma temporada no Rio de Janeiro. Sua maneira afável e tranquila não dava qualquer sinal de que pertencesse a um grupo revolucionário, e que viesse a participar do sequestro

do embaixador norte-americano para trocá-lo por prisioneiros políticos, seus companheiros de luta. Anos depois nos encontramos de novo, em um palanque, quando fui o apresentador de um comício de sua campanha política.

Haydée Bittencourt era a diretora do teatro universitário. Ela havia voltado da Inglaterra, onde estudara na Royal Academy of Dramatic Arts (Rada), e decidiu montar *Sonhos de uma Noite de Verão*, de William Shakespeare. Eu já havia saído da universidade, mas fui chamado para fazer o papel de Oberon como ator convidado. Era uma montagem clássica, muito bem cuidada, graças ao empenho de Haydée para que tudo tivesse o máximo de profissionalismo. Com aquele papel ganhei o prêmio de melhor ator pela Associação Mineira de Teatro. Contudo, achei que tinha feito uma interpretação empostada. Não tendo esperanças em ganhar a vida como ator, fiz vestibular para arquitetura e, mesmo tendo desenhado diariamente durante dois anos na Escola de Belas Artes, tive péssima nota em desenho artístico e fui reprovado, sinal evidente de que não era aquela a profissão que eu queria ou nascera.

Capítulo VI

Tempo de Despertar

Comecei a frequentar os bares de Belo Horizonte onde a classe artística e intelectual se encontrava. Eu tinha simpatia especial por determinados intelectuais os quais me fascinavam com suas discussões sobre autores e pensadores que eu não havia lido, o que, para mim, era uma nova experiência. Fui aprendendo, me desenvolvendo. Percebi que nos tempos de internato e nos anos que se seguiram não tive informação ou formação sobre a vida, sobre cultura, sobre nada. Eu era uma espécie de bugre, que precisava descobrir tudo sozinho. Ao mesmo tempo em que me envolvia com o grupo, me sentia inseguro pela minha falta de preparo intelectual, mas algo me dizia que eu deveria repensar esta insegurança. Com o tempo, comecei a entender o que me intrigava naquelas conversas. Percebi que grande parte do grupo não tinha um pensamento próprio, nenhuma ideia original, seus integrantes eram simples repetidores de frases e pensamentos de autores consagrados. Davam a impressão de que passavam o dia se preparando para fazer citações à noite, tal qual um passaporte para seu reconhecimento como intelectuais.

47

Para minha surpresa, foi um dos verdadeiros intelectuais da turma, Jota Dangelo, quem me convidou a fazer uma parceria com seu grupo, o Teatro Experimental.

Dangelo, homem de múltiplos talentos e com uma enorme garra e determinação em tudo que faz, lecionava anatomia na Faculdade de Medicina, organizava a *Escola de Samba Qualquer Nome Serve*, de São João Del Rey (onde desfilei e fomos bicampeões), atuava em peças de Beckett e, ao mesmo tempo, fazia sambas, escrevia e dirigia o show da Faculdade de Medicina. Nossa parceria durou sete anos, com encontros diários. Escrevíamos espetáculos, dirigíamos e atuávamos, dávamos cursos de iniciação ao teatro. Nestes cursos surgiram vários talentos, hoje profissionais. Talvez aquele tenha sido um dos períodos mais férteis do teatro mineiro e uma escola para mim.

48

Convivendo com meu primo no escritório o dia inteiro, à noite eu sentia vontade de ir para a rua, como fazia no Rio de Janeiro, quando ficava até tarde nos bares, conversando e terminando a noite leve, relaxado. Belo Horizonte, naquela época, ainda não tinha bares que ficassem abertos até tarde. Tudo fechava muito cedo, a noite ficava vazia, silenciosa, as ruas desertas me remetiam às noites do internato, o que me deprimia. Comecei a namorar Rebeca, que também havia perdido o pai cedo e tinha sido criada pelos irmãos. Ela era tão carente quanto eu. A identidade de carências, o relacionamento carinhoso e o clima familiar aconchegante resultaram em um pedido de noivado, mas fui ameaçado pela frase: *Ou eu ou o teatro*. Respondi: *O teatro*.

Com o tempo, ela mudou de ideia e noivamos. O irmão dela, comerciante próspero que trabalhava com produtos populares, querendo dar apoio ao provável futuro cunhado e, ao mesmo tempo, de olho em um novo tipo de negócio que o faria entrar num mercado com maior poder aquisitivo, me propôs sociedade em uma loja de decoração. Aleguei que não entendia nada de comércio, mas ele insistiu, prometendo que me daria a orientação necessária e colocaria funcionários experientes para me ancorar. Acabei aceitando.

Passei alguns anos de angústia nesta loja, já que as promessas não foram cumpridas e fui obrigado a conviver com um universo que eu não conhecia e com o qual não me identificava. Eu sofria com os roubos, calotes e, principalmente, com as pressões econômicas. Quase fui à falência.

49

Só os projetos de decoração não eram suficientes para cobrir as despesas, e tive que transformar a proposta inicial da firma. Passei a vender produtos fabricados em grande escala, comandando uma empresa que não era compatível com os meus ideais. Mas, àquela altura, não havia alternativa: eu já estava casado, tinha duas filhas, precisava ganhar a vida. Passei a frequentar um curso de administração de empresas oferecido aos funcionários do meu cunhado e, a partir destas primeiras noções, comecei uma nova orientação do negócio.

Recuperei as finanças reestruturando a firma e acabei conseguindo comprar as cotas de meu cunhado na sociedade. Mas o fato de poder fazer teatro compensava todo o desgaste causado pela empresa. Mas há males que vêm para o bem, e a experiência naquela loja acabou sendo uma escola para mim. Depois de tantas vivências, desilusões e desafios, fiquei menos ingênuo, mais sagaz, e adquiri um olhar mais crítico. Descobri funcionários que me roubavam, fregueses que não pagavam suas prestações, e o contato com gerentes de banco, contadores e o público em geral, me trouxe o amadurecimento e uma enorme bagagem para, depois, interpretar os meus personagens.

50

A loja ficava embaixo da redação da revista *Alterosa* e próxima da antiga redação do jornal *Estado de Minas*, caminho de muita gente da classe artística, que sempre parava para uma prosa. Terminado o expediente, às seis horas, a loja se transformava em ponto de encontro de artistas e intelectuais. Lá foi feita a primeira exposição do artista plástico Chanina, e era o centro de produção e divulgação de vários espetáculos do nosso grupo. Nesse clima intelectual e artístico, retomei o curso de desenho na Universidade Federal de Minas Gerais, estudando desenho com Álvaro Apocalypse, que mais tarde fundaria o Grupo Giramundo, de teatro de bonecos, entre outros professores de qualidade.



Com as filhas Debora e Deni

Capítulo VII

Happening

Na década de 1960, foi criado o *monoquíni*, um biquíni que, no lugar do sutiã, tinha um suspensório, cujas tiras passavam pelos bicos dos seios, deixando-os à mostra. Resolvi fazer com o *monoquíni* uma performance provocativa, algo que mexesse com o moralismo mineiro. Foi assim: coloquei um manequim de plástico na vitrine da loja, um corpo de mulher vestido com o *monoquíni* e, na porta, deixei uma mesa, papel e caneta, para que as pessoas votassem se eram a favor ou contra a nova moda. Foi notícia nacional. Repórteres vinham buscar os resultados da pesquisa e a publicavam diariamente.

53

Um belo dia chega à loja um grupo de mulheres, com terço na mão, pedindo que eu retirasse o manequim, que diziam ser imoral. Aleguei que era uma boneca e que não via razão para ser retirada. Elas, então, insinuaram que poderiam quebrar a vitrine. Diante da ameaça, revoltado, disse que não a tiraria de jeito nenhum (ao contrário do que narrou Roberto Drummond em seu livro *Hilda Furacão*, dizendo que eu teria cedido às pressões). Só retirei quando se esgotou o tempo viável para o evento. Foram mulheres como essas que marcharam pelas ruas, de terço na mão, dando apoio à ditadura, na famosa *Marcha com Deus e a Família pela Liberdade...*

Capítulo VIII

Um Equilíbrio Delicado

Meu entusiasmo pelo teatro era tão grande, que eu costumava viajar para o Rio em alguns fins de semana para ver cinco peças em três dias (naquela época havia duas sessões aos sábados e domingos).

Eu saía de carro de Belo Horizonte às sextas-feiras pela manhã e ia ao teatro à noite. Aos sábados, assistia dois espetáculos e, aos domingos, mais dois. Voltava na segunda-feira para trabalhar im-
pregnado de teatro e feliz da vida. Fiz boas ami-
zades com profissionais da classe teatral, amiza-
des que me foram muito úteis quando me mudei
de Belo Horizonte. Sem imaginar em tirar algum
proveito disso, em Belo Horizonte, eu emprestava
móveis e objetos para peças vindas do Rio e, por
isso, alguns atores e diretores (de lá) iam ver nos-
sos espetáculos. Além disso, eu oferecia jantares
em minha casa para alguns elencos, sem qualquer
segunda intenção, o que valia era meu entusias-
mo pelo teatro. Mais tarde, muitas portas do pro-
fissionalismo se abriram por causa dessa postura.

55

Flavio Rangel e Paulo Autran se tornaram ami-
gos e Flavio me viu em cena. Quando me mudei
para São Paulo, Flavio me deu o papel de Laer-
tes, em sua montagem de *Hamlet*, com Walmor
Chagas no papel principal.

O Teatro Experimental, para arrecadar fundos para nossas produções, fazia shows. Fernanda Montenegro e Fernando Torres assistiram um desses shows. Anos depois, quando voltei ao Rio, eles me convidaram para um papel numa peça de grande sucesso – *É...*, de Millor Fernandes.

56

Em outra ocasião, ainda em Minas, havíamos preparado um coquetel para a imprensa, no lançamento de uma peça, e convidei Cacilda Becker – que se encontrava na cidade. E ela aceitou. Encantado com a sua presença e me sentindo muito prestigiado, não conseguia deixá-la sozinha e, para retribuir, quis levá-la aos jornalistas, convidando-a para aproveitar o evento e divulgar sua peça que estrearia na cidade. Num gesto típico de sua grandeza, ela me disse que agradecia, mas que estava ali só para o lançamento da nossa peça e me pediu que fosse atender aos repórteres sem me preocupar com ela.

Durante os dez anos em que morei em Minas não parei de produzir, de escrever, dirigir e atuar, numa atividade febril.

Alguns trabalhos foram marcantes pela qualidade e por fatos significativos que aconteceram nas temporadas. Dirigi a peça *Halewin*, de Ghelderode, e usei técnicas inovadoras para aquela época, numa cidade em que não havia recursos para produção.

Outro mérito desta montagem que me atribuo, sem falsa modéstia, foi ter conseguido conciliar a classe teatral de Belo Horizonte, que vivia em um ambiente típico de uma cidade pequena, numa rivalidade cheia de futricas provincianas e desgastantes. Consegui convencer alguns atores de diversos grupos (muitos acostumados a serem protagonistas) a participar de nosso espetáculo em pequenos papéis, o que foi um verdadeiro milagre.

Outro espetáculo marcante do qual participei, *O Escorial*, também de Ghelderode, foi a primeira programação do primeiro Festival de Inverno de Ouro Preto, realizado na escadaria da igreja que fica defronte do lindo Teatro Municipal, numa noite inesquecível. Desse espetáculo participava Ezequiel Neves, que depois ficou famoso por sua participação na vida de Cazuza. Através dos anos, voltei aos Festivais de Inverno de Ouro Preto, ora como ator, ora como professor.



O elenco de Oh! Oh! Oh! Minas Gerais

Capítulo IX

Muito Além do Jardim

O Brasil estava amordaçado pela Censura. O povo não podia expressar seu clamor por liberdade, mas ainda tinha voz através da música e do teatro. Em São Paulo, o Teatro de Arena, além de encontrar sintonia com uma linguagem brasileira, encenou textos que traziam a liberdade como tema. No Rio, o Grupo Opinião fazia a mesma coisa. O Teatro Experimental, como o próprio nome sugere, tinha um repertório sofisticado, de autores especiais, alguns herméticos, como Beckett. Mas este tipo de teatro não tinha sintonia com Belo Horizonte e nem com o momento histórico que vivíamos. Ao fazer a proposta ao nosso grupo para encenarmos o mesmo que o Arena e o Opinião em Minas, me senti um herege.

59

Meu argumento era o de que havia chegado a hora do engajamento, da resistência ao regime de opressão, precisávamos buscar uma linguagem popular, um texto que mobilizasse o público. Parece que todos sentiam o mesmo, mas não tinham coragem de dizer.

Como grande parte da História do Brasil se passou em Minas ou através de políticos mineiros, eu e Dangelo começamos a criar um texto abordando o passado mineiro, sua história, sua gente, seu jeito.

E utilizamos artimanhas para burlar a censura, como fazia Chico Buarque com suas letras cheias de metáforas.

Escrevemos um texto fazendo um paralelo entre a história do passado com o que acontecia no momento, conseguindo dizer aquilo que não era permitido por meio dos discursos de personagens do passado e de fatos semelhantes aos que vivíamos. Para dar a ideia de que era um espetáculo de humor, fizemos uma brincadeira, já no título, com a música-hino de Minas, *Oh, Minas Gerais* e colocamos um nome que já era risonho – *Oh! Oh! Oh! Minas Gerais*.

60

Para os cenários e figurinos chamamos, do Rio de Janeiro, Napoleão Moniz Freire, e para coreografar, o mineiro Klauss Vianna, que também trabalhava no Rio. Nós, que fazíamos espetáculos pouco compreensíveis para a maioria do público, estávamos acostumados a uma plateia mínima e ficávamos espreitando a porta do teatro, para ver se chegava mais um carro, o que garantiria um mínimo de espectadores para que se desse a apresentação. Porém, na temporada de *Oh! Oh! Oh! Minas Gerais* levamos um susto ao ver a fila da bilheteria dar voltas em torno do quarteirão. Um sucesso enorme, inacreditável. O santo de casa fazia o milagre.

Em 1968, depois de uma temporada em Belo Horizonte, começamos a viajar com a peça pelo

Brasil. Em nossas viagens, eu e Dangelo fomos elogiados, como atores, pelos maiores críticos do País, como Yan Michalski, do *Jornal do Brasil*, que escreveu: *o elemento mais positivo da noite é a surpreendente qualidade do elenco. Os sete atores são excelentes, sendo que dois deles, justamente os autores e diretores do espetáculo, Jota Dangelo e Jonas Bloch, poderiam fazer brilhante carreira em qualquer companhia profissional do Rio ou de São Paulo.* Em São Paulo, Alberto D'Aversa escreveu: *Jota Dangelo e sobretudo Jonas Bloch se destacam pelo profissionalismo das execuções e a inteligência da participação.*

Essas críticas reviveram em mim o sonho de viver só de teatro, sair daquela loja e me tornar um profissional da arte.

Capítulo X

À Flor da Pele

Os militares e a elite estavam amedrontados com os crescentes movimentos de rua, as reivindicações de estudantes e da classe artística que exigiam mudanças. A ditadura aumentava a repressão e o teatro, que naquela época se tornara porta-voz dos sentimentos de liberdade que toda sociedade sentia, virou um de seus alvos prediletos e, por isso, era minado através da censura.

Numa cena da peça *Oh!Oh! Oh! Minas Gerais* enfocamos a Conjuração Mineira e o exílio dos inconfidentes. Em seguida, apresentávamos um exilado atual, banido pela ditadura. Eu lia uma carta de Juscelino Kubistcheck, que havia conquistado a simpatia de todo o Brasil e, mesmo sem ser de esquerda, tinha sido obrigado a se exilar. Ele fora mandado para os Estados Unidos com a família e, na carta, falava de sua tristeza por estar longe da pátria que tanto amava. Para que o público identificasse o autor da carta, colocamos no fundo do palco um pequeno coro cantando, em *bocca chiusa*, a música *Peixe Vivo*, que todos identificavam como a música de JK, por ser a preferida do ex-presidente.

63

A censura de Brasília mandou cortar a música, o que impossibilitava a identificação de JK. Foram para os jornais, que ainda podiam publicar

os cortes da censura. Foi quando um grupo de estudantes me procurou no teatro, perguntando como era a cena cortada e eu expliquei. E durante toda a temporada em Brasília, nós não cantávamos a música, mas sempre havia um grupo de estudantes na plateia que, em todas as sessões, cantava por nós...

Algum tempo depois, quando voltamos a nos apresentar em Belo Horizonte, fomos surpreendidos com a presença na plateia de Juscelino Kubistchek, que havia voltado ao Brasil. Ele nos aplaudiu de pé e veio falar conosco no camarim, não parando de elogiar tudo com entusiasmo. Depois da apresentação saiu conosco para um longo bate-papo num bar, onde cantamos juntos. JK não poupava elogios, especialmente para a cena em que, ao ser citado o ano do golpe – 1964 – todos caíamos ao chão. Ele nos deixou um autógrafo no cartaz da peça e tivemos a ingenuidade de deixar exposto na porta do teatro. Foi roubado.

Capítulo XI

Um Sonho de Liberdade

Foi a dura realidade daqueles tempos e o teatro que me levaram às primeiras atuações políticas, sempre presentes em toda a minha vida. Ninguém, com um mínimo de discernimento, poderia ficar indiferente aos tempos difíceis em que vivíamos. Paralelamente ao grupo de teatro, começamos a fazer parte de reuniões e manifestações sem ter consciência do perigo que corríamos. Participei de inúmeras passeatas.

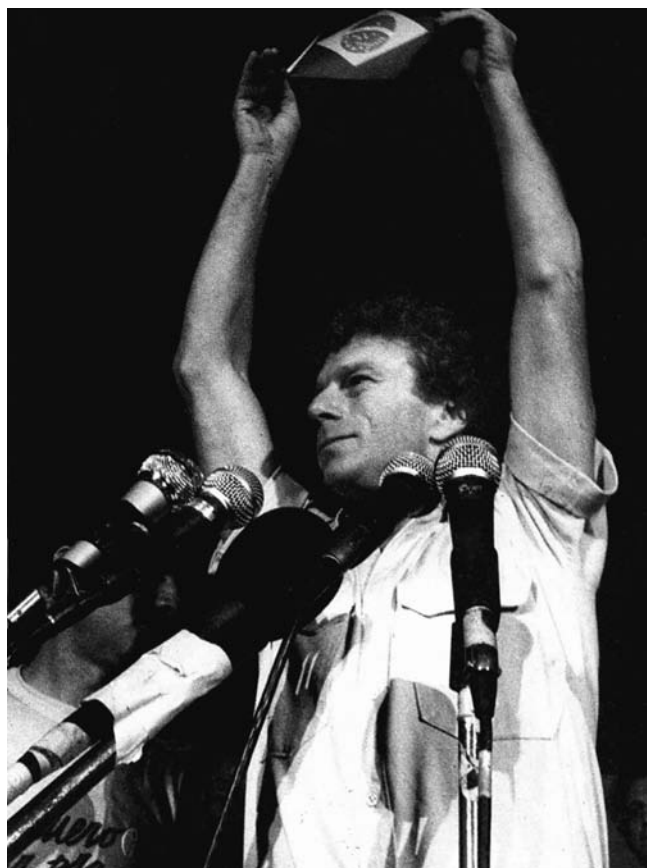
No Rio, houve uma passeata histórica, com cem mil pessoas, numa importante demonstração de repúdio à ditadura. Tentamos repetir a marcha em Minas, mas sua divulgação era impossível, já que era proibida qualquer reunião ou manifestação. As rádios e jornais estavam sob censura e todos os lugares onde haveria a possibilidade de divulgação estavam fortemente vigiados.

65

No Teatro Marília, uma peça paulista estava em cartaz e era um dos poucos lugares onde se poderia fazer uma divulgação, apesar de saber que estariam lá os agentes do DOPS (o famigerado Departamento de Ordem Política e Social) vigiando. De cada lado da lateral da plateia havia um corredor.

Num gesto desesperado, colocamos dois judocas nas poltronas extremas da primeira fila do

teatro, que se levantariam enquanto eu fazia a convocação, barrando a vinda dos policiais para o palco, dando tempo suficiente para que eu fugisse pelos fundos do teatro. E foi o que fiz. Depois de algum tempo, recebemos um recado do pai de Dangelo, general, de que estávamos na lista-negra dos Serviços de Informação e que seria melhor sumir por um tempo.



Capítulo XII

Minas Não Há Mais

O sucesso de *Oh! Oh! Oh! Minas Gerais* foi tão grande que virou livro. Fomos convidados para nos apresentar em muitas cidades. Mudou a vida do grupo. Apresentamos a peça em algumas capitais e tivemos vinte e duas críticas durante a temporada, sendo vinte favoráveis e duas contra. Um jornalista mineiro, de um jornal muito lido, só publicou as duas contra. Como tínhamos dinheiro em caixa, fomos ao jornal e colocamos um anúncio, exigindo que fosse publicado ao lado da coluna deste jornalista. No anúncio estavam as frases elogiosas dos maiores críticos do país. Abaixo, o texto:

67

Críticas do espetáculo: 22

A favor: 20

Contra: 2

Publicadas por jornalistas mineiros: Só as duas contra.

Anos depois, eu estava numa festa em Nova York, onde encontrei o tal jornalista, que me fez elogios por ter conquistado um bom espaço profissional. Me limitei a ouvi-lo em silêncio...

Do dinheiro arrecadado, os atores do Teatro Experimental recebiam uma quantia simbólica e o restante ficava para futuras montagens e necessidades do grupo.

Como era muito dinheiro, compramos uma sala para ensaios e produção, uma Kombi, um cofre, e guardamos uma parte para a produção do próximo espetáculo. Todo mundo nos aconselhava a capitalizar o sucesso e a montar uma peça de apelo popular, o que faria com que nos tornássemos o grupo profissional da cidade, vivendo unicamente do teatro. Em vez disso, decidimos encenar *Numância*, de Cervantes.

Chamamos Amir Haddad para nos dirigir e o excelente cenógrafo e figurinista Joel de Carvalho. Diante do que a peça mostrava e da situação política, Amir acrescentou um subtítulo: *Ou ficar a pátria livre*. *Numância* conta uma história, baseada em fatos verídicos, de um povo que resistiu ao poder militar romano. A montagem foi grandiosa, com figurinos *artesanais*, palco giratório e uma produção que deveria ser um orgulho para a cidade. Um crítico do jornal *Última Hora* publicou uma crítica destruindo o espetáculo de estreia. Só que, por um problema técnico, a estreia tinha sido adiada e não houve o espetáculo que ele ousou criticar. Ou seja, o *Não vi e não gostei* daquele *profissional* foi a gota d'água. Para mim, Minas havia terminado ali.

Como não tínhamos parâmetro para avaliar nosso trabalho, convidamos um dos críticos mais respeitados do País, Yan Michalsky, do *Jornal do Brasil*, para ver o espetáculo e fazer a crítica. Yan definiu a montagem como sendo

um dos espetáculos mais importantes do País nos últimos cinco anos. Nessa época foram montados alguns espetáculos históricos, como O Rei da Vela e Roda Viva, entre outros. Perdemos todo o dinheiro que havíamos ganhado e ainda ficamos com dívidas. Mas faríamos tudo de novo.



O elenco de Numância



Cena de Numância

Capítulo XIII

Pauliceia Desvairada

Vi que não podia fugir do meu destino. O provincianismo das cidades mineiras daquela época era insuportável e, pior, eu não aguentava mais o cotidiano daquela loja. Tinha chegado ao meu limite e amadurecido o suficiente para ser um ator profissional. Resolvi vender tudo e ir embora.

Mais uma vez o teatro viraria o grande vilão. Minha ex-mulher se recusava a mudar de cidade. Novamente fui obrigado a ser inflexível e a dizer: *Eu vou*. Precisando optar entre Rio e São Paulo, e sabendo que o melhor teatro estava sendo feito em São Paulo (mesmo que todos me dissessem que a TV Globo estava no Rio e fazer uma novela lá seria o passaporte para ser conhecido nacionalmente), não tive dúvidas de que eu deveria ir para São Paulo e, mesmo contrariada, minha ex-mulher foi comigo. Comecei a vender tudo e a fazer contatos em São Paulo, avisando a todos os meus amigos da classe teatral que eu estava chegando e procurando trabalho.

71

Antes mesmo de me mudar, Flavio Rangel já me prometia um papel em *Hamlet*, que ele iria dirigir em breve. Na mesma época, recebi um telefonema de José Celso Martinez, do Teatro Oficina, me convidando para sua próxima produção,

Na Selva das Cidades, o que me deixou trans-tornado. Eu era fascinado pelo Teatro Oficina. Zé Celso me daria um pequeno papel na peça e, caso saísse alguém do elenco de *Galileu Galilei*, em cartaz na época, eu seria o substituto. Comecei então a trabalhar com o elenco, em exercícios, na preparação física e em leituras do texto. À noite, assistia à encenação do *Galileu Galilei*.

72

Não tive coragem de comunicar ao Flavio Rangel que não mais iria trabalhar com ele. Certa noite, Flavio foi assistir à peça *Galileu* e nos encontramos. Quando o vi na plateia, corri até Zé Celso, contei da promessa de Flavio, e pedi uma certeza de que seria aproveitado. Ele disse que eu ficasse com o Teatro Oficina, que minha participação estava confirmada. Ao contar para Flavio, ele disse: *Acho um absurdo o que você está fazendo. Eu estou te dando um papel em Hamlet, a peça mais importante da dramaturgia mundial, e você vai fazer uma pontinha na peça do Zé Celso?! Respondi que esperava que ele compreendesse e que me desculpasse. Sua frase final foi generosa: Até domingo o papel ainda é seu, depois, vou procurar outro ator.*

Dez anos em Minas marcam uma pessoa. O grupo do Oficina já era considerado transgressor em seu comportamento até para as pessoas mais ousadas, e era duzentas vezes mais ameaçador para quem vinha de um meio como o de Belo Horizonte daquela época. Ali, eu me sentia um caipira.

Fiquei tímido demais, trancado, sentindo que ainda não estava pronto para fazer parte daquela turma, mas ia tentando, como quem ainda busca desesperadamente o personagem de uma peça. Uma amiga, que fazia parte do Oficina, talvez por perceber minhas dificuldades, insistia para que eu não abandonasse o *Hamlet*, me aconselhando a não confiar em Zé Celso, porque ele mudava de opinião a toda hora e poderia me deixar sem nada. Um ator, Renato Machado, que depois se tornou jornalista e apresentador da TV Globo, saiu do elenco de *Galileu* e não fui eu quem o substituiu. Minhas suspeitas de que o grupo percebia que eu era um peixe fora d'água pareciam se confirmar.

73

O grupo ia viajar com *Galileu* e, antes disso, coloquei Zé Celso contra a parede. Ele disse que estava com dificuldades para a próxima montagem e que iria viajar com o Oficina para levantar finanças e só na volta poderia me dizer alguma coisa. Diante disto, me coloquei à disposição para um futuro trabalho, mas esclareci que estava começando uma carreira, tinha família, não podia perder a oportunidade que tinha nas mãos. Envergonhado, fui até Flavio Rangel e voltei para o *Hamlet*.

Nessa época chegou ao Brasil o *Living Theatre*, de Julian Beck e Judith Malina, um grupo americano que superava o Oficina em transgressão. Os atores viviam sua vida de uma maneira teatral, causando espanto pelas ruas.

Eles iriam trabalhar com o Teatro Oficina, mas, enquanto o grupo viajava, fariam um trabalho com atores profissionais. Seria uma ótima oportunidade para eu aprender e me soltar. Flavio Império, excelente cenógrafo, figurinista e uma pessoa maravilhosa, era o responsável pelas inscrições. Assim, participei desses trabalhos enquanto os ensaios de *Hamlet* não começavam. Quando Zé Celso voltou de viagem e soube que eu estava na turma, mandou que me dispensassem porque *eu havia abandonado o grupo*.

Ao ver os trabalhos do Zé Celso após esse período, me decepcionei. Lamento que um artista de tanto talento tenha trocado sua arte por uma busca pretensamente transgressora e parecendo, a meu ver, um adolescente que quer chamar atenção a qualquer custo.

Capítulo XIV

Um Estranho no Ninho

Desenhar sempre foi uma atividade constante em minha vida. Ao mudar para São Paulo, eu havia comprado uma casa e, para compensar a ida de minha mulher para São Paulo a contragosto, a decoração foi burguesa, como ela gostava, mas cada vez que eu instalava minha mesa de desenho em alguma parte da casa, aquele lugar era reclamado para alguma finalidade. Não havia espaço para mim naquela casa.

Construí um pequeno telhado nos fundos do terreno e lá instalei minha mesa de desenho. Certo dia chuvoso, encontro um varal de roupas passando sobre a minha mesa, com a água das roupas pingando em cima de meus desenhos. Furioso, coloquei a mesa de desenho no meio da sala de visitas, e ameacei quebrar tudo caso alguém ousasse mexer ali. Aquela sala era o fiel retrato de dois mundos diferentes, que não conseguiam conviver em harmonia. A sala, toda formal, e a minha mesa, cheia de tintas. Foi o fim do casamento.

75

Deixei para ela tudo o que tínhamos: casa, carro, economias e fui morar num conjugado, num prédio da Rua Paim, reduto de prostitutas e pessoas sem recursos.



Capítulo XV

Pãe

(ou como conjugar as funções de pai e de mãe)

Três anos depois da separação, minha ex-mulher ficou doente, e minhas filhas – na época com 6 e 9 anos – vieram morar comigo. A partir daí, eu as criei sozinho. Virei pai e mãe, *pãe*. Se foi difícil? Muito! Eu mal sabia cuidar de mim, mas a nova situação despertou algo profundo na minha alma, aliando o enorme desejo de protegê-las e de fazê-las felizes.

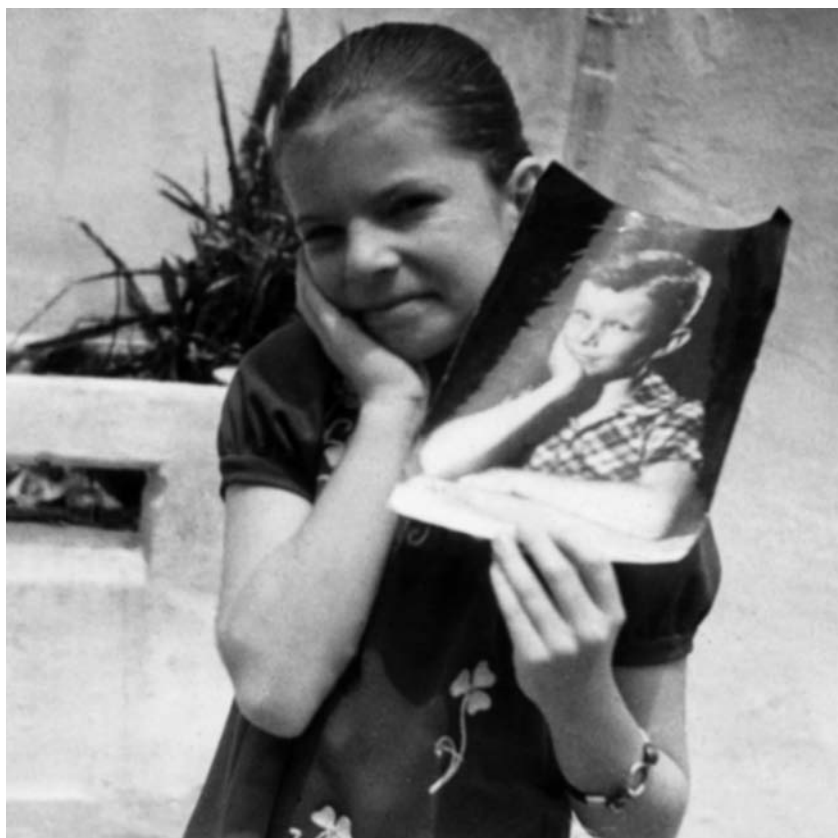
Apesar de toda a experiência em Minas, eu era considerado um ator em início de carreira, ganhava muito pouco, não tinha qualquer reserva financeira. São Paulo é o lugar onde o dinheiro circula e isso gera um número maior de oportunidades. Cheguei a ter cinco empregos ao mesmo tempo: gravava aulas de Ciências na TV Cultura, às quartas; ensinava teatro numa escola de dança, durante o dia; fazia teatro como ator; à noite, dava cursos em Santo André e São Caetano. Nos fins de semana, dirigia um grupo de teatro na região, época em que nascia o PT. Às vezes, fazia comerciais, vídeos institucionais e pontinhas em televisão.

77

Os juroz daquela época eram baixos e eu havia comprado uma casa de vila. Com a perspectiva da vinda das meninas, eu queria preparar um

ambiente em que elas se sentissem bem. Como havia um porão, serrei o piso de madeira, coloquei um alçapão e fiz uma passagem da sala para o porão, onde coloquei mesas para desenho e artesanato, almofadas para fazer *guerra de travesseiros*, uma rede, etc. A chegada das meninas naquela casa foi um dos momentos mais emocionantes de minha vida.

Procurando educá-las para serem autossuficientes, excluí o transporte escolar. Elas me acordavam muito cedo (apesar de eu dormir tarde, porque jantava após o término do teatro), então eu me levantava sonolento para levá-las até o metrô, que parava perto do colégio. Eu acreditava que, assim, elas desenvolveriam maior autonomia. Acho que fiz a coisa certa, vivemos uma época muito feliz. O clima era de alegria, com muitos amigos meus e delas nos visitando. Como nas folgas da empregada eu não tinha com quem deixá-las, a solução era levá-las comigo para o teatro. Foram inúmeras as vezes em que elas assistiram à mesma peça ou dormiram em camarins enquanto eu atuava. Talvez isto tenha influenciado a escolha profissional delas, já que eu nunca exerci influência nessa decisão. Debora acabou se dedicando à profissão, mas não foi uma opção feita como a de muita gente hoje em dia, na procura da fama baseada no *glamour* que as revistas vendem. Conhecendo as dificuldades pelas quais passamos, a decisão dela foi feita por puro amor ao teatro.



Debora e o pai



Jonas em Odeio Hamlet

Capítulo XVI

Técnica

Assim como Freud é o grande mestre da psicanálise, o mestre do teatro é Stanislavsky, e foi com ele que desenvolvi meu trabalho e dei meus cursos. As aulas que eu dava eram um complemento para sobrevivermos, as quais me obrigavam a estudar muito mais do que eu estudaria, caso não tivesse que ensinar.

Com o passar dos anos fui criando o meu próprio processo de trabalho, sempre aproveitando os ensinamentos de Stanislavsky, numa busca da essência do personagem, da sua *carga*.

81

Todo o trabalho de ator começa com a compreensão, tanto a intelectual (*as circunstâncias dadas*) quanto a afetiva, mais difícil, e que se deve buscar usando todas as alternativas. Depois vem a fase de exposição, a qual envolve todo o arsenal do ator, que precisa ter maleabilidade corporal, vocal e emocional, transformando-se em um instrumento afinado para uma boa execução de sua *partitura*.

Nossa carreira exige um equilíbrio entre o artístico e os apelos do mercado de trabalho, mas corremos o risco de cair em uma armadilha. Alguns atores e atrizes de televisão fizeram sucesso com seu apelo sensual, sua personalidade, e

acabaram abandonando o necessário percurso da procura de seus personagens. Usando sempre suas próprias características, viraram *mercadoria*. Eles deveriam ser instrumentos, mas se colocam como se fossem a música....

Capítulo XVII

O Tempo e o Vento

A TV Record estava no auge do sucesso, ganhando enorme audiência com *O Fino da Bossa*, Festivais de música e a novela *Algemas de Ouro*. Fui escalado para participar dela já no meio da trama, e aquele foi o meu primeiro trabalho em novelas. Devido ao sucesso, todo o elenco foi convidado a participar de um dos grandes eventos que a TV Record costumava produzir no Teatro Paramount. Quando estávamos nos preparando para entrar no palco, chegou a notícia de que estariam barrando alguns atores do elenco na entrada do teatro. Atrapalhado com a organização, o diretor pediu que eu fosse até a entrada dos artistas e tentasse resolver o problema.

83

Ao chegar lá, vi um segurança de costas, toquei seu ombro e disse: *Ô, meu nego, o diretor pede para que não impeça a entrada do elenco da novela*. Ele se virou e respondeu: *Eu não sou seu nego!* Só então percebi que ele era mulato e que poderia ter me interpretado mal. Tentei acalmá-lo, dizendo: *Foi só uma maneira carinhosa de falar*. Não deu resultado. Ele aumentou o tom de voz e disse, agressivamente: *Eu não gosto de carinho de homem, e se quiser falar comigo, me chama de Dr. Fleury!* Ele era um dos mais terríveis delegados da Polícia Política,

com fama de torturador e de assassino, e também era o chefe de segurança da TV Record.

Como eu não fazia ideia de quem se tratava, e me sentindo desrespeitado pela agressividade, ingenuamente comecei a ironizar: *Excelentíssimo Dr. Fleury, poderia atender às reivindicações do digníssimo diretor Dionísio Azevedo para que os digníssimos atores não sejam barrados, se não for um incômodo para Vossa Excelência?* O ator Sérgio Mamberti, que fazia parte do elenco e assistiu àquela cena, me puxou rapidamente para o lado e disse: *Você está louco?! Esse homem, se quiser, te tortura e te mata por qualquer coisa. Ele é o Fleury!!!*

Capítulo XVIII

Adivinhe Quem Vem Para...

Quando morava em São Paulo, lecionei e dirigi espetáculos na Universidade de São Paulo (USP) e fui convidado para dar um curso no Festival de Inverno de Ouro Preto. Ao começar uma das aulas, uma bailarina, que na época era assistente do coreógrafo argentino Oscar Arraiz (professor de dança no Festival), pediu para assistir à minha aula e eu concordei.

Depois da aula ela me disse que achava o meu processo muito importante para os bailarinos do curso de dança e pediu para que eu desse algumas aulas para eles. Aceitei e, bem mais tarde, aqueles bailarinos formaram o Grupo Corpo.

85

Mais de vinte anos depois decidi montar um monólogo, uma experiência que eu ainda não tivera, a de segurar sozinho uma plateia. *Hilário* era um espetáculo popular em que eu fazia 20 personagens, e cada um deles deveria ter um desenho corporal. Eu precisava de um coreógrafo. *Debora Colker*, com quem eu já havia trabalhado três vezes, estava ocupada e eu não sabia a quem recorrer. Comentei com um amigo, Paulo Rogério, a dificuldade de encontrar alguém. Ele me disse: *O Digo tem muito humor, ele faria isto com prazer*. O Digo era o Rodrigo Pederneiras, coreógrafo do Grupo Corpo.

Eu respondi que achava impossível que um coreógrafo que fazia uma turnê internacional tão importante com seu grupo fosse se interessar por um espetáculo como o meu, popular e sem grandes pretensões. Para minha surpresa, recebi um telefonema do Paulo dizendo que Rodrigo havia topado. Talvez a lembrança do curso de Ouro Preto tivesse pesado.

Sabendo que a agenda de Rodrigo era lotada de compromissos internacionais, liguei para ele e disse que eu iria a qualquer parte do mundo onde ele estivesse, mas que eu não abriria mão de trabalhar com ele. Ele respondeu que teria uma semana disponível em Belo Horizonte. Fui para lá e trabalhamos o dia inteiro durante toda a semana.

O espetáculo foi convidado para o Festival de Cabo Verde, o Festival de Comédias da Maia, Portugal, e ficou mais de um ano em cartaz.

Rodrigo é um artista maravilhoso, um ser humano admirável, um orgulho para o Brasil. A ele, minha gratidão.

Capítulo XIX

Música no Ar

Tive uma namorada que era fã ardorosa do espetáculo *Hair*, um musical de grande sucesso que mostrava o movimento hippie, suas ideias, seu modo livre de ser. Vimos o espetáculo diversas vezes, e, observando o personagem Claude, imaginei uma interpretação diferente daquela vista no palco, apesar de Armando Bógus (que fazia o papel) ser um ótimo ator. Era um espetáculo alegre, cheio de energia, com músicas e coreografias tão bonitas que era impossível não querer participar dele. O elenco era grande, a temporada longa e, às vezes, alguns dos atores tinham que pedir para ser substituídos. Assim, havia a chance de que eu pudesse me candidatar a um papel.

87

Apesar de já estar fazendo aulas de dança na academia em que eu ensinava teatro, de ter aulas de expressão corporal e de voz, eu ainda não me sentia pronto para entrar em *Hair*. Tempos depois, fiz um teste para o musical *Jesus Cristo Superstar*, uma megaprodução com 60 atores no elenco. Fui o primeiro a ser escolhido, por ter a voz de barítono baixo e o tipo judeu, ideal para o papel de Caifás.

O produtor era o mesmo de *Hair*, Altair Lima. O custo da produção era tão grande que ele

não podia me oferecer um salário razoável, e me fez uma oferta que não cobriria as minhas despesas. Além do mais, não seria possível completar meu orçamento com um trabalho extra, porque os ensaios começavam de manhã e iam até a noite. Recusei. Altair, não encontrando um ator com as minhas características, insistia muito para que eu aceitasse o papel, mas eu continuava a recusar explicando que – com o salário oferecido – eu não poderia resolver meu problema financeiro.

Até que um dia ele me telefonou novamente fazendo a seguinte proposta: *Vai sair um ator que faz parte da tribo do Hair, o grupo de hippies. Se você topa ensaiar Superstar durante o dia e substituir o ator do Hair à noite, eu posso pagar o que você me pede.* Aceitei e fiquei feliz da vida, mesmo tendo ficado exausto e magérrimo por causa daquela imensa carga de trabalho. O importante é que eu me sentia feliz, apesar do cansaço. Uma semana depois ele me pediu para substituir o ator que fazia o personagem Claude e propus fazer o papel à minha maneira. Altair respondeu que nem teria tempo para ensaiar e que confiava no que eu fizesse. Foi um momento emocionante de minha carreira. A tribo, uma espécie de coro composto por atores jovens que haviam entrado no espetáculo substituindo os atores do primeiro elenco, não tiveram direção ou qualquer explicação sobre os papéis que estavam fazendo e se

limitavam a copiar o que tinham visto o primeiro elenco fazer. Quando estreei no papel, já era amigo de toda a *tribo*. O espetáculo começou, e logo nas primeiras músicas, entre uma frase musical e outra, eu fui improvisando um texto, falando com os colegas como Claude e dizendo coisas concernentes à situação, o que fez com que comesçassem a entender o significado do que estavam fazendo na peça. Essa compreensão provocou uma emoção no grupo, que me atingiu e, creio, também atingiu a plateia – que respondeu com aplausos entusiasmados.

Capítulo XX

O Espelho Tem Duas Faces

Minha mãe teve um salão de beleza perto do Cassino da Urca, e as vedetes do show do Cassino eram suas clientes. Ainda menino, eu assistia (levado pela minha mãe e escondido) aos espetáculos do teatro de revista. Ela ganhava convites das vedetes, e o teatro de revista era sensacional. Apresentava um show variado, com cenas cômicas, sátiras políticas, números musicais, muitas mulheres bonitas e uma produção caprichada. Me encantava ver os excelentes atores que faziam a revista, tão soltos e brincalhões que conseguiam estabelecer um canal de cumplicidade com a plateia. Recebi deles uma ótima influência, e acho que isso me fez conseguir os bons resultados nas comédias em que atuei.

91

Há muito preconceito com a comédia no Brasil. E, a meu ver, a comédia consegue desarmar o espectador e fazer com que ele receba melhor as ideias apresentadas. É um ritual de celebração da vida, um exercício da alegria, tão característicos no Brasil. Basta ver o comportamento e a maneira como o nosso povo reage a todos os fatos, por mais dramáticos que sejam, sempre com humor, fazendo piadas. A intelectualidade brasileira acredita que a Europa seja o parâmetro ideal e que a educação de lá nos levará

a níveis melhores de civilização. Ledo engano. Os ingleses, por exemplo, com toda a sua educação continuam a se esmurrar por causa do futebol, e a intolerância e o preconceito de vários países europeus *civilizados* são uma vergonha. Seus interesses justificam as guerras, e o drama tem a ver com a sua cultura.

Minhas tentativas ao escrever teatro, sempre foram feitas sob a óptica do humor. Talvez eu tenha tido uma má influência do rádio quanto ao drama. Vale dizer aqui que quando eu era menino não havia televisão, só o rádio. E os atores das radionovelas tinham um jeito de interpretar melodramático, *empostado*, que certamente me influenciou mal. Quando tive consciência do fato, iniciei uma luta contra esse ranço antigo, uma luta que atravessou toda a minha carreira.

Foi com a peça *Peer Gynt*, de Henrik Ibsen, sob direção de Antunes Filho, que essa transformação se deu em maior grau. Os atores faziam vários papéis, e cada um de nós pesquisava alguns dos temas da peça, além fazermos exercícios e *laboratórios*, sob supervisão de Eugênio Kusnet. Todos nós mergulhamos no universo da Noruega e do conteúdo da peça, resultando num dos espetáculos mais bonitos dos que participei. Coube a mim fazer sete papéis e três pesquisas, uma delas sobre Henrik Ibsen. Fiquei tão inteirado da obra de Ibsen que Antunes me deu a

honra de escrever o único texto do programa da peça, que mostrava lindos desenhos de Maria Bonomi. *Peer Gynt* foi um marco na minha vida, significou um avanço. Mas uma transformação total, tanto no teatro como na vida, não se consegue com um trabalho só. Exige tempo e perseverança. Segui lutando.

Capítulo XXI

Três Mosqueteiros

Eugênio Kusnet

Kusnet era russo, veio para o Brasil e trabalhou muito tempo no Teatro Oficina. Na Rússia, trabalhou no Teatro de Arte de Moscou, fundado por Constantin Stanislavsky. Tive a felicidade de trabalhar algumas vezes com ele, uma pessoa especial, um apaixonado pelo teatro. Além do seu envolvimento na peça *Peer Gynt*, ele também foi o preparador dos atores no musical *Jesus Cristo Superstar*, do qual participei. Na Escola de Artes de São Caetano, Kusnet ensinava para uma turma e eu para outra. Conversávamos muito sobre o método Stanislavsky, sua especialidade.

95

Um dia, Kusnet pediu que eu fosse ao seu apartamento, dizendo que precisava falar comigo. Curioso, fui até lá. Ele me entregou uma pasta que continha a peça *legor Bulitchov*, de Máximo Gorki, que ele havia traduzido e acreditava que eu seria o ator ideal para representar o protagonista. Os textos de Gorki são ricos em sentimentos, e tinham sintonia com aquele momento em que vivíamos. O Teatro Oficina tinha encenado duas peças de Gorki, *Os Pequenos Burgueses* e *Os Inimigos*, ambas com montagens magníficas.

Li vorazmente a peça e fiquei estarecido com o que Kusnet havia me dito. O personagem era um velho patriarca e eu me sentia muito jovem para o papel. Guardei a peça com carinho, sempre planejando encená-la.

Plínio Marcos

96 Era em frente do Teatro de Arena (que, posteriormente, passou a se chamar Eugênio Kusnet) que Plínio Marcos costumava ficar, e foi lá que tivemos longas conversas que nos ajudaram a construir uma bela amizade. Plínio me convidou para dirigir sua peça *Quando as Máquinas Param*. O elenco era formado por Tony Ramos, protagonista de novelas e ótimo ator de teatro, e Walderez de Barros, também grande atriz que, na época, era casada com Plínio.

O projeto tinha o seguinte formato – trazíamos de ônibus os alunos do curso de alfabetização de adultos – o Mobral – até o auditório do Sindicato dos Têxteis, onde a peça era apresentada, e, depois do espetáculo, havia um debate com a plateia, quando procurávamos conscientizá-la. Cobrávamos um preço simbólico e a temporada ia muito bem. Estávamos em plena ditadura militar, e havia uma luta armada de resistência, feita por grupos de esquerda, com objetivos revolucionários.

Num dos espetáculos, o teatro foi invadido por um grupo de esquerda que interrompeu a apresentação da peça. Um dos componentes desse grupo colocou um revólver na cabeça de Walderez, enquanto fazia um discurso e outros distribuía panfletos. Depois disso, foram embora. A diretoria do sindicato tinha componentes do Partido Comunista, odiado pelos militares e extinto pela repressão. Os serviços de informação desconfiavam que o nosso espetáculo tivesse ligação com o Partido Comunista e com os guerrilheiros que invadiram o teatro. Plínio foi chamado para depor no famigerado DOPS. Lá, Plínio disse que não havia qualquer envolvimento de nossa equipe pelo ocorrido, e que se houvesse qualquer culpa, ele seria o único responsável.

97

Foi publicado um livro da peça especialmente para esta montagem. Na dedicatória feita por Plínio, as seguintes palavras: *Para o Jonas, um cara ponta firme que enriqueceu bastante esta peça, com amizade e agradecimento de coração. Plínio Marcos.* Alguns anos depois de sua morte, atuei em outra peça sua – *Barrela* – que ficou censurada para menores de 21 anos. Meu papel foi de um português, o Portuga. Dediquei a estreia a Plínio. Com muita saudade.



Fotos de cena de Barrela



Fauzi Arap

A peça *Pano de Boca*, de Fauzi Arap, aborda a relação dos atores com o teatro e com a vida. O texto faz uma referência a alguns fatos ocorridos no Teatro Oficina, onde Fauzi trabalhou, mas transcende a essas histórias. A direção foi do próprio Fauzi e, apesar de eu gostar muito dele, entrávamos em conflito algumas vezes. Acontecia muita coisa errada nos ensaios, mas, quando eu reclamava, os outros atores (mesmo concordando comigo) ficavam calados.

100 Fauzi, durante uma discussão que tivemos, disse que eu era o único insatisfeito. Insisti que todo o grupo pensava como eu. Ele não acreditou e, generosamente, disse: *É comum um único ator protagonizar um sentimento que é do grupo. Os outros atores não reclamam, porque alguém está assumindo o problema por eles. Isto pode estar acontecendo. Fica quieto por um tempo, e vamos ver se alguém se manifesta. Se isto não acontecer, o problema é você.*

Depois de algum tempo explodiram as reclamações, ora com um ator, ora com outro. E eu fiquei em paz e agradecido ao Fauzi por esta lição que me serviu para toda a vida.

Capítulo XXII

Persona

Para fazer o musical *Hair* tive que deixar crescer o cabelo mais ainda, porque era a marca dos hippies e título do espetáculo. Deixei crescer a barba também, criando uma imagem completamente diferente da que eu tinha quando cheguei de Minas. Este novo visual me acompanhou em *Jesus Cristo Superstar*, em que eu fazia o papel de um rabino e ainda numa nova montagem, paulista e moderna, de *Sonho de uma Noite de Verão*, onde mais uma vez fiz o papel de Oberon, só que com uma interpretação bem diferente daquela feita em Minas. Usei essa imagem ainda em *Peer Gynt* e *Marta de Tal*, mas, depois destas montagens, não recebia muitos convites para trabalhar porque esse visual só servia para um número muito restrito de papéis.

101

A minha despesa mensal, somada ao colégio e cursos de dança de minhas filhas, além da prestação da casa que eu havia comprado, me deixou em uma situação financeira tão difícil que fui obrigado a vender o telefone. Naquela época, as linhas telefônicas eram muito caras, e ter um telefone era essencial para meu trabalho, pois era por telefone que os contatos eram feitos.



Em cena de Sonhos de uma Noite de Verão



Em cena de Marta de Tal

Até que, felizmente, fui chamado para fazer um papel em uma novela da TV Tupi, *Ovelha Negra*, com a condição de cortar o cabelo e a barba. Sendo ator, meu corpo e minha voz têm que servir ao personagem. Então, cortei o cabelo e raspei a barba. A partir daí, o número de convites para trabalhar aumentou, especialmente em comerciais. Finalmente obtive a tão necessária melhora financeira e pude recomprar o telefone!

Outras portas foram se abrindo. Após o fim do Teatro de Arena e com uma crise no Teatro Oficina, surgiu a proposta da formação de um novo grupo reunindo elementos saídos do Oficina e do Arena, com outros atores que tivessem identificação ideológica com eles. A iniciativa foi de Maurício e Beatriz Segall, que eram donos do Teatro São Pedro, e a peça escolhida foi *Franck V*, de Durenmatt, na qual interpretei dois papéis que me valeram a indicação para melhor ator coadjuvante do ano. A direção foi de Fernando Peixoto, um dos fundadores do Teatro Oficina. Durante os ensaios, Maurício Segall foi preso, acusado de financiar grupos de esquerda. Sua mulher, Beatriz, bravamente deu continuidade à produção. A peça era um musical que só usava percussão, o texto era engajado politicamente, apresentando o cotidiano da diretoria de um banco, mas que, na verdade, era uma máfia. Impossível não fazer um paralelo com a realidade que vivíamos (e que vivemos até hoje).

Capítulo XXIII

Um Lugar ao Sol

Chegou o momento em que me senti insatisfeito por morar em São Paulo. Era como se o Rio de Janeiro estivesse me chamando de volta, e como eu havia juntado algum dinheiro para a mudança (e até para poder tirar férias!), fiz as malas e fui. O que acontecia no Rio repercutia em todo o País, era a minha hora de fortalecer a carreira, de voltar às minhas raízes.

Assim como fiz quando cheguei a São Paulo, fui avisando aos amigos da classe artística que estava chegando na cidade e procurando trabalho. Fiz uma previsão de que teria que esperar uns três meses para receber algum convite, mas, em menos de um mês, Fernanda Montenegro me convidou para o elenco de *É...*, de Millor Fernandes. Era muito mais do que eu poderia sonhar, e a peça foi um grande sucesso. Consegui alcançar uma soltura em cena que buscava há muito tempo, recebendo elogios de muitos colegas. Na peça existiam os personagens de dois professores. Fernando Torres interpretava o mais velho e, eu, o mais jovem. Dezenove anos depois fui convidado por Elizabeth Savalla para representar o papel do professor mais velho, mas não pude aceitar...

105

Sempre que se muda de cidade, parece que há uma mudança também na disposição e na ener-

gia, e as portas costumam se abrir com mais facilidade. Pelo menos é assim que acontece comigo. O sucesso de *É...* atraiu muita gente da classe artística, provocou comentários, e resultou num convite da TV Globo para que eu participasse da novela *Sem Lenço e Sem Documento*. Além disso, fui convidado para o filme *Caso Cláudia*, baseado no caso verídico que comoveu o País, a história de Cláudia Lessin Rodrigues. Fiz o papel de Michel Frank, acusado de ser o assassino de Cláudia e de esconder seu corpo, que depois foi descoberto.



Cenas de Dois Pontos, com Tânia Alves

Entusiasmado pelo ritmo intenso de trabalho, escrevi um espetáculo chamado *Dois Pontos*, uma coletânea de textos que misturava humor, textos engajados, música e dança. Como costumava fazer em Minas, além de escrever, dirigir e atuei. Já estava em cartaz com *É...* há nove meses quando pedi substituição para fazer *Dois Pontos*, um *espetáculo de ator*, com produção muito simples, já que tinha apenas um varal com roupas dependuradas e que iam sendo retiradas pelos atores para vestir cada personagem. Convidei Tânia Alves para atuar comigo.



Dois pontos brilhantes iluminando o teatro

"Dois pontos" é, acima de tudo, um retrato da cultura brasileira. Belo, em certos momentos, quase trágico em outros. Mas não um retrato estático, naturalista. São pinceladas críticas, fortes, irreverentes, angustiantes, belas, brotando do canto, da dança e da representação de Jonas Bloch e Tania Alves.

No começo, a busca da identificação, a busca da identidade, mesmo. "O artista é um inconformado". As vezes, deve pagar por isso. Mas, todo o tempo, sobre ele caem, atuam, agem as influências interessadas em mudar esse estado de coisas. Na aula de inglês gravada, a pergunta é clara: "O que é um bom sujeito?" E a resposta, expressiva: "Um bom sujeito é o homem quieto." A música nordestina, cantada em desafios, quadros, é o tempo todo ameaçada pelo massacrante e gravado som dos rocks, das discotecas. A busca das raízes é sempre interrompida, e Jonas e Tania acabam forçados a disfarçar-se de "clowns" (aliás, que belíssima marca coreográfica — essa mudança de roupa) para, sob a roupagem de palhaços, continuar a procura.

Ganham sapatos de placas de metal, atráidos de algum ponto do espaço. Tentam a dança americana, numa ótima visão crítica de muitos e muitos momentos de um teatro que tem seu parâmetro em outra realidade que a sua. Deixam tudo. Rezam. "Perdoa, Senhor, o nosso amor pelo futebol... Perdoa, Senhor, a nossa incapacidade de mudar as coisas." Ao fundo, uma incelença.

De repente, o encontro com a América do Sul. O "carnavalito". A quase integração. Novamente, a aula de inglês. A tentativa de massificar. A saída pelo caminho das placas, onde, súbito, a velha história do escorpião que queria atravessar o rio ganha uma luz inteiramente nova. É crítica. "Eu sei; mas eu sou assim."

Lorca marca a mudança de clima. As gargalhadas cedem. "Pero tenia marido". Um bellissimo trabalho de corpo de Tania Alves. Novamente, uma excelência coreográfica. E aí, "fundamentalmente nasceu o medo". E a platéia que rira, gargalhava, vivera mais de meia hora de momentos teoricamente apenas divertidos, faz total silêncio, enquanto o texto de Fauzi Arap em "Pano



Jonas Bloch e Tania Alves,
interpretações excelentes

de boca" amplia sua dimensão — antítese do escorpião da piada —, preparando terreno para o ainda mais denso "O delator", de Brecht.

O retrato de uma juventude sem futuro e sem motivos vai chegando: "E urravam de prazer nos carros da Polícia por não terem cometido nenhum crime que o da sua intoxicação."

"Dois pontos" é um espetáculo emocionante. Que marca e dá vontade de

rever. Belo e vigoroso. Límpido, na "suja" encenação, na pobreza da montagem, no som chiado e verdadeiro do gravador. A seleção de textos de Jonas Bloch é brilhante. Sua interpretação e a de Tania Alves, excelentes. Como atores, como cantores, como dançarinos, como comediantes, como trágicos símbolos de uma cultura com luz em resistência. As coreografias de Dolores Fernandes, Graziela Figueroa, Zdenek Hampi, Deoclides Gouveia e Antonieta calam de vez as bocas dos que defendem as reproduções de "West-side stories" e coisas semelhantes "pela falta de algo nosso, de igual qualidade". Aliás, todos eles deveriam ver o espetáculo. Porque, em certos momentos, como no do sapateado, são precisamente eles os ocupantes do palco, vistos no seu ridículo, na sua macaqueira, na sua incapacidade de criar algo mais que a mera imitação de uma cultura que não nos dá respeito.

"Dois pontos" é Brasil. É teatro brasileiro. É povo brasileiro. É o momento e a realidade. Infelizmente, restrito às noites de segunda-feira, no Teatro Serrador. Infelizmente, lutando contra a falta de público. Infelizmente, mesmo sem um camarim que permita aos dois atores deixar as suas coisas guardadas no teatro, com segurança. Por isso, cada segunda-feira, depois do espetáculo, é preciso desmontar tudo, bem mambembe, carregar caixas e gravadores e amplificadores e roupas e material de cena, colocar tudo no carro, levar para casa. Mas tudo isso faz parte do quadro. Na realidade, o ideal seria que o público participasse também dessa arrumação, da chegada do material e da sua colocação no teatro; depois, da desmontagem de tudo e da partida dos atores, de Jonas Bloch, saltimbando carregado com suas tralhas, tentando, em plena Praça Mahatma Gandhi, nos fazer fazer ver duas luzes em um circo de concreto alagado.

Há cerca de uma semana, recebi, de uma leitora, uma carta analisando o papel da comédia no teatro brasileiro de hoje. Em determinado momento, ela dizia: "Que venha o riso, mas que esse riso me mostre, mostre a todos, a lágrima imensa que existe por cima de nossas cabeças". E precisamente isso é que "Dois pontos" faz. E de forma brilhante.

Crítica de Tania Pacheco ao espetáculo Dois Pontos

Dizíamos textos de Mayakovsky, Brecht, Ionesco, García Lorca, além de cenas de humor popular, canções e danças. O espetáculo foi considerado *um dos cinco melhores espetáculos do ano*, o que me deu enorme alegria. *Dois Pontos* é um daqueles trabalhos que ficam marcados em nossas vidas e, muitos anos depois, as pessoas ainda se lembram e comentam. Apesar de ter muito humor, o início é emblemático, retrata uma época e o clima de contestação que povoava os palcos. Com os pulsos cruzados, dando a ideia de estar algemado, e respondendo a uma voz gravada, num interrogatório, a peça começava assim:

Voz – *Nome?*

Ator – *Jonas Bloch*

Voz – *Nome artístico?*

Ator – *Inconformado.*

Voz – *Raça?*

Ator – *A raça humana.*

Voz – *Profissão?*

Ator – *Meu ofício é, cantando, revelar a palavra que serve aos companheiros...*



Cena de Paraíso Proibido, com Patrícia Scalvi

Capítulo XXIV

Cinema Paradiso

Logo que voltei a morar no Rio de Janeiro comecei a receber convites para trabalhar em cinema e em televisão. Isso me deixou feliz, porque era sinal de que meu trabalho alcançara uma soltura que eu buscava, o que é fundamental para um ator, especialmente em cinema e TV.

O teatro traz uma emoção enorme pelo encontro ao vivo com o público, pela energia que emana naquele momento único. Mas uma das maravilhas de se fazer cinema é a paixão com que as equipes se entregam ao trabalho, além do processo artesanal com que é feito, o que compensa o fato de não ter a mesma característica do teatro.

111

Em São Paulo e em Minas, o teatro predominava em minha vida, ainda que já tivesse participado de alguns filmes. Dois deles, em que faço papéis significativos, para minha falta de sorte, os produtores não permitem exhibições ou novas cópias. Em Paraíso Proibido, dirigido por Carlos Reichenbach, eu fui protagonista, e outro – Santa Donzela – dirigido por Flavio Porto, faço dupla com Plínio Marcos. Uma pena!

Por pressão dos americanos, alguns filmes nacionais não conseguiam (e a maioria ainda não

consegue) ficar em cartaz mais do que uma ou duas semanas. Mas depois que surgiu o Canal Brasil (na TV a cabo), os filmes que fiz começaram a ser vistos e, com isso, recebi duas homenagens em festivais de cinema (Guarnicê, no Maranhão, e no de Canoa Quebrada) pela minha trajetória em cinema.

Amarelo Manga, O Dia da Caça, Cabra-Cega, Nossa Vida Não Cabe Num Opala e o curta *Arabesco* foram alguns filmes que tive o prazer de participar. E muito me orgulho disso, tanto pelo cuidado com que foram feitos, quanto pelos papéis que tive, assim como pela relação com os diretores e equipes, e também pelas viagens pelo mundo em festivais.



Capa do disco com a trilha sonora de Paraíso Proibido



Cena de Cabra-Cega



Cena de Amarelo Manga



Com as filhas e os netos

Capítulo XXV

O Feijão e o Sonho

Ser ator é uma aventura cheia de surpresas. Enquanto qualquer pessoa fica angustiada com a possibilidade de perder o emprego, os atores se predispõem a viver com a possibilidade de ficar desempregado a cada seis meses e, talvez, de nunca chegar a ter um patrimônio mínimo para sua velhice. No entanto, quando menos se espera, acontecem situações em que essas expectativas são contrariadas. Antes de voltar para o Rio eu havia sido chamado para fazer uma campanha-relâmpago do sabão em pó *Omo* por todo o Brasil. O apresentador oficial do produto não podia fazer esta campanha e, pouco tempo depois, seu contrato terminou. Diante do bom resultado, recebi a proposta de outra campanha, grande, nacional. Era uma espécie de contrato de risco, onde eu trabalharia muito e, se tudo desse certo, ganharia muito bem. Caso não desse, teria um cachê por aquela experiência. Mas deu certo. Apesar de ficar algum tempo identificado com o produto (o que me fez perder alguns trabalhos), com o dinheiro ganho com a propaganda comecei a realizar um sonho quase impossível no Rio de Janeiro, o de construir uma casa perto da praia. Diante dos preços absurdos, comprei um terreno no Recreio dos Bandeirantes que, na época, ainda era barato. Ele fica bem em frente a uma reserva florestal e perto da praia.

A cada trabalho que fazia eu ia construindo mais um pedaço da casa e batizando: parede *Corpo Santo*, banheiro *Top Model*... É a minha casa até hoje, um sonho realizado.



Com Michael York, em cena de *Discretion Assured*

Capítulo XXVI

Luz, Câmera, Ação!

Michael York

Mais uma vez o acaso me levou a caminhos inesperados. Eu fazia o papel de John Barrymore, na comédia *Odeio Hamlet* e estava em excursão pelo País, passando por São Paulo. Ao chegar ao hotel, recebi um roteiro de cinema escrito em inglês, com um recado pedindo que eu telefonasse para a produção, pois queriam que eu fizesse o papel do *Inspetor Santos*.

Quando o filme é falado em inglês é comum se fazer um teste com os atores (mesmo que sejam conhecidos) porque a produção estrangeira não conhece os atores brasileiros e, também, para saber se eles falam inglês com desenvoltura. Então, telefonei para a produção e perguntei se havia pressa, se eu poderia ir até lá alguns dias depois. Concordaram. Eu queria ganhar tempo e fazer aulas particulares de inglês para garantir que minha pronúncia estivesse correta no dia da entrevista. Mas quando fui falar com o diretor, ele sequer conferiu o meu inglês e disse: *Você faz um policial brasileiro que fala um inglês macarrônico, fala mal*. Não era verdade. Na hora da filmagem, havia um produtor americano, um *coach* e ainda Michael York, que me corrigiam a pronúncia.

No primeiro dia em que fui à produtora para experimentar os figurinos, me disseram que Michael York já estava lá, provando algumas roupas. Quando cheguei ao camarim, feitas as apresentações, eu quis ser simpático e, sendo ele inglês, o convidei para assistir uma montagem de um Shakespeare que estava em cartaz, *Macbeth*. Ele ficou transtornado e disse: *Jonas, me desculpe, mas, para nós, este nome dá azar. Você faria a gentileza de sair, fechar a porta, dar três voltinhas, bater de novo, entrar e não dizer mais este nome? Quando quiser se referir a esta peça, diga aquela peça, por favor. Considero um privilégio ter participado de Discretion Assured (Sigilo Absoluto) que tem no elenco Dee Wallace (a atriz que representou a mãe do menino, em E.T.) e Jeniffer O'Neal (do Verão de 42), tendo ainda Julia Jones (Passagem para Índia) como roteirista.*

Não é comum ver atores brasileiros em produções estrangeiras, e eu fui privilegiado por ter tido essa experiência. O povo brasileiro está acostumado a reverenciar mais os artistas estrangeiros, mas não tem ideia de como somos recebidos lá fora. O aplauso e o respeito que encontrei nos países onde me apresentei são ainda maiores dos que recebo de plateias brasileiras.

Com teatro, estive no Uruguai, com a peça *Besame Mucho*. Com *Hilário* estive em Cabo Verde e Portugal. Também em Portugal, me apresentei

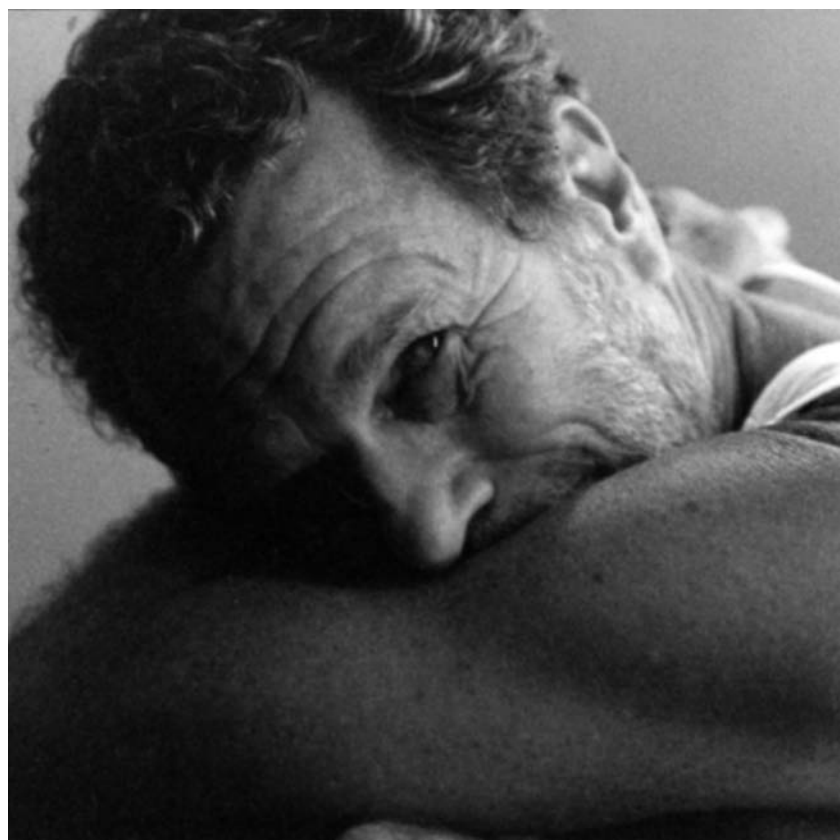
em vinte e duas cidades portuguesas com a peça *Senhor das Flores*, uma produção portuguesa, em que interpretei um dos melhores papéis de minha vida. Com essa peça, participei de três festivais internacionais. No de Vianna do Castelo, por exemplo, voltamos ao palco sete vezes para agradecer os aplausos. Foi emocionante.

Em cinema, além de *Discretion Assured*, uma produção americana, participei do filme *Butterfly*, para a italiana TV RAI. E integrei o elenco de *Woman on Top* (no Brasil, *Sabor da Paixão*), onde contracenei com Penélope Cruz em duas cenas, fazendo uma pequena participação.



Com Louise Cardoso em cena de Besame Mucho





Capítulo XXVII

Bodas de Ouro

Em 2008 completei 50 anos de trabalho, data de meu primeiro recorte de jornal como profissional. Nesta trajetória, vi o Brasil evoluir e a classe artística mudar seus contornos. A invasão do capital nas artes contaminou os meios de produção, que perderam a noção do limite entre o artístico e o comercial. A televisão e alguns patrocínios transformaram os meios de produção e, se por um lado isso significou benefícios, por outro trouxe grandes malefícios, como se vê em vários exemplos de desrespeito pelo aspecto artístico.

Narrei neste livro muitas alegrias, mas as decepções não foram poucas.

125

Quando eu morava em São Paulo, um diretor me disse que eu era o ator ideal para fazer o protagonista da peça que iria dirigir, mas o produtor exigia alguém de televisão... Hoje, uma pessoa bonita e muitas vezes com fama conquistada sem méritos, ocupa o lugar de profissionais competentes. Uma tristeza! Não é regra geral, mas sinal dos tempos de economia liberal.

Nossas produções de cinema, teatro e TV têm conquistado prestígio nacional e internacional, temos uma rica diversidade de tendências, uma afirmação crescente de nossos valores, sem

aquele sentimento provinciano de que tudo que é de fora é bom e o que é nosso, de segunda.

Sinto-me feliz por pertencer a uma classe de tantos talentos especiais, que têm honrado o País com seus trabalhos, retratando nossa realidade com coragem e ajudando a repensá-la, provocando sua transformação.



A família reunida

Capítulo XXVIII

Um Lugar no Coração

Sou também um homem privilegiado pela família que tenho. Assumo: sou um pai babão (e avô, mais ainda), mas tenho razões para isso. Minhas filhas são duas criaturas especiais: além de talentosas, são afetivas e mães exemplares. Ambas têm uma conduta ética e uma garra profissional que me traz um enorme sentimento de realização.

Debora se tornou uma grande atriz, dedicada, perfeccionista, e uma produtora de primeiríssima linha, trilhando uma trajetória cada vez melhor.

127

Deni, que vive em São Paulo, apesar de ser uma ótima atriz e sapateadora, não quis seguir a nossa carreira, preferiu uma vida mais perto de sua família, e tem prazer em se dedicar à sua firma de assessoria de imprensa, com enorme sucesso.

Como se não bastasse, Debora me deu dois netos, Júlia e Hugo. E Deni, o Tomás. Todos representam uma alegria nas nossas vidas.

O que pode mais querer um pai e um avô?



Capítulo XXIX

As Filhas

Difícil falar algo sobre meu pai, uma pessoa tão múltipla. Poderia falar tantas coisas...

Queria ter herdado aqueles olhos azuis, aquela dádiva de nunca envelhecer, sua saúde impecável e a energia com que faz as coisas.

Mas muito do que sou certamente herdei dele e, principalmente, os valores e o estilo que me transmitiu por toda a vida.

129

O principal legado: se entregar com paixão e envolvimento a tudo o que faz. A persistência e a capacidade de acreditar e realizar!

É como se nada fosse impossível e, de fato, para ele, poucas coisas são.

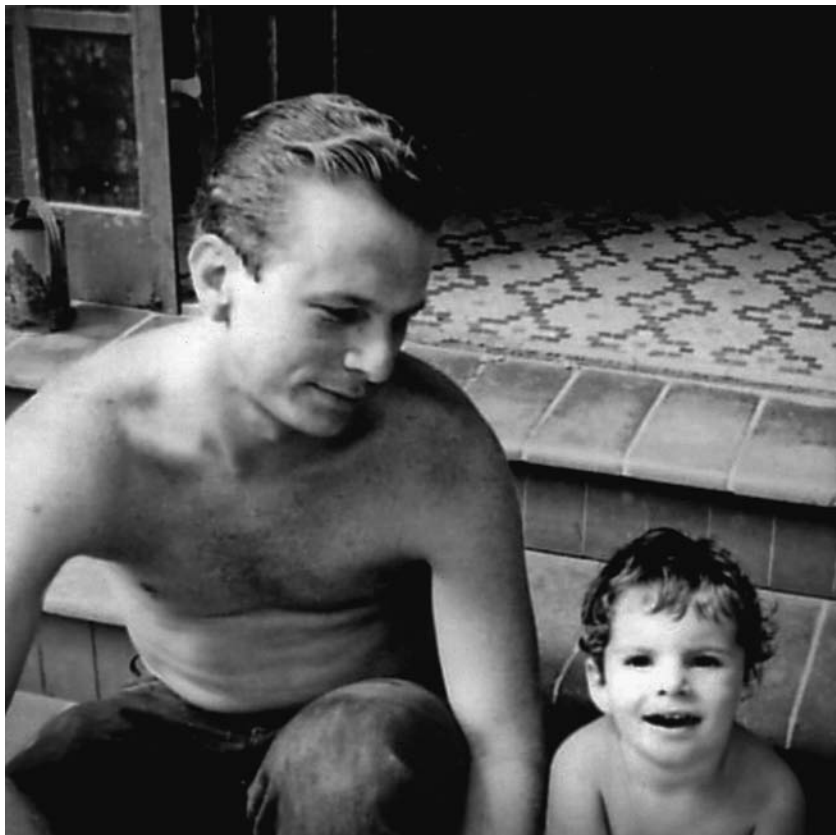
Deni Bloch



Com Debora

Com ele aprendi a ter um olhar de compreensão sobre o mundo e as pessoas. Ele é uma pessoa justa, ética, que tem um olhar compreensivo e afetuoso sobre o outro.

Meu pai sempre acreditou que podia e devia mudar o mundo através da arte, do teatro, da



sua atitude na vida. E sempre fez questão de nos impregnar deste sentimento e quase dever.

E, o mais importante: meu pai me ensinou a gostar de teatro!

Debora Bloch



Em Lavras Novas, com Sylvia

Capítulo XXX

Sylvia

Depois de muitas decepções amorosas, quando já me sentia desencantado, tive o grande encontro da minha vida. Conheci Sylvia num espetáculo da *Campanha contra a Fome*, no Teatro Municipal do Rio. Eu fazia parte do elenco e ela, atriz mineira em temporada no Rio com *Mulheres de Hollanda*, de Chico Buarque, também participou. Tempos depois, fui dar um curso em Belo Horizonte e Sylvia foi minha aluna. Na época, ela estava casada e, apesar de impressionado pela sua maneira de ser, sua beleza e seu caráter, respeitei e não demonstrei que ela me atraía. Mas, quando soube que ela tinha se separado, nos reencontramos e o namoro começou.

133

Sylvia é uma pessoa iluminada, generosa, que mudou a minha maneira de me relacionar com o mundo, me tornou uma pessoa melhor. Ela veio morar comigo depois de dois anos de namoro, com Pedro, seu filho, por quem tenho um imenso carinho. Sylvia resolveu estudar no Rio e formou-se em Jornalismo, mas não exerceu. Nestes 13 anos de convivência tenho vivido uma relação intensa, cheia de emoções, como nunca experimentei antes. Pedro ficou conosco durante 7 anos, mas, não se adaptando ao Rio, quis voltar para Belo Horizonte onde tinha grandes amigos e viver com o pai uma convivência que nunca tivera.



Capítulo XXXI

Depoimento

O meu Jonas

A primeira vez em que vi o Jonas, até então o Jonas Bloch, foi na TV. Me recordo com clareza de registrar que aquele era o Jonas, que fazia parte dos meus estudos sobre o teatro mineiro e que era o pai da Debora Bloch.

Pouco tempo depois dessas minhas descobertas, eu fui ao Rio assistir ao espetáculo Besame Mucho. Eu tinha 20 anos e estava encantada com teatro. E foi muito impressionante ver a atuação de Jonas neste espetáculo – era impactante o trabalho dele! Talvez essa tenha sido uma das atuações mais interessantes que já tenha visto. Fomos apresentados um ao outro, ali na porta do teatro.

135

De tempos em tempos a gente se reencontrava algumas vezes. Lógico, que eu lembrava e ele não. Normal. Quando ele foi assistir ao espetáculo em que atuei no Rio, ele foi cumprimentar as atrizes (eram 14!) e nós o convidamos para dar um curso em BH. Começamos aí uma amizade. Encantei-me com seu humor, sua disponibilidade e com seu vigor.

Essa amizade evoluiu. Ele se tornou meu companheiro. Meu amor. Foi um pouco pai de meu

filho (ele o conheceu aos 8 anos). Um pouco pai de meu irmão. Amigo de meus amigos.

Esse é o meu Jonas. Esse Jonas lutador e cheio de ideais e de ideias, forte, bravo, mas também um eterno menino, manhoso, carente e afetivo.

Sylvia Vianna

Capítulo XXXII

Uma Pousada

No período de namoro, fomos várias vezes para Lavras Novas, distrito de Ouro Preto, em Minas Gerais, e ficávamos hospedados na casa de uma tia de Sylvia, Leonor, a querida *Tia Nonô*. Um dos sonhos de Sylvia era ter uma pequena casa naquela cidade, que ela adora.

Pedi a Nonô, sem que Sylvia soubesse, que procurasse um lote que estivesse à venda, e ela achou, justamente ao lado de sua casa, com uma vista linda.

No Natal, coloquei umas pequenas ferramentas de jardim numa caixa de papelão e dei de presente a Sylvia. Sem entender muito bem, ela agradeceu com um sorriso amarelo, até que eu disse: *É para você cultivar suas terras*. Sua reação, emocionada, é inesquecível.

Construí dois quartos, para passarmos os dias de folga por lá.

A vontade de ter uma fonte de renda paralela à profissão, que nos permita escolher os papéis, além de nos garantir na entressafra de trabalho e na aposentadoria, é um dos sonhos de todo ator. Nessa profissão, estamos acostumados a ficar desempregados de tempos em tempos e,

muitas vezes, somos obrigados a aceitar trabalhos que preferiríamos recusar. Vendo o potencial turístico de Lavras Novas, comprei outro lote para construir um chalé, que alugaria para ter uma fonte de renda.

Eu fazia uma peça de sucesso que viajava pelo Brasil e Sylvia tinha medo de ficar sozinha no Rio. Nossa casa no Rio é grande, feita com muita madeira, que estala à noite e deixava Sylvia em pânico. Por isso ela propôs ficar em Lavras Novas enquanto eu viajava.

138 Durante a longa temporada da peça fui construindo mais chalés, depois um café para atender aos hóspedes e ela, como adora fazer doces e bolos, foi se envolvendo com o café e a pousada, que foi crescendo e pegando fama. Construí oito chalés e ampliamos o café, transformando aquilo em uma pequena empresa: *Pousada Menestrel*. A necessidade de ficar atenta ao café e o envolvimento com a cidade, tornou difícil a volta de Sylvia para o Rio. Passamos a viver em duas cidades e, de tempos em tempos, um de nós visita o outro.

Em um dos Festivais de Inverno de Ouro Preto, fui convidado a dar uma oficina de interpretação. Pedi para que fosse feita em Lavras Novas, e que fossem dadas bolsas de estudo para os nativos. Ao findar o curso, os nativos ficaram apaixonados pelo teatro e exigiram que eu montasse um espetáculo com eles.

Mas eu não podia. Sylvia se propôs a fazê-lo e ficou dez meses pesquisando os costumes e a cultura local antes de escrever e montar dois espetáculos, apresentados nos fins de semana e que ficaram quatro anos em cartaz.

No Brasil, quando um músico toca vários instrumentos é considerado uma qualidade, mas se um ator resolve cantar ou fazer artes plásticas, a imagem que se tem é de que é uma pretensão, ou de que está *em baixa* na carreira, tentando sobreviver com outra coisa. Talvez em função disso eu tenha evitado misturar as duas atividades, raramente divulgando o meu trabalho de artista plástico. Formado em desenho, também tenho grande atração pela escultura, que exercito quando posso.

139

Como havíamos começado uma seção de artesanato na pousada, alguém sugeriu que eu desenhasse *a camiseta da pousada* para vender. Foi o que fiz. O sucesso foi tão grande que criei outros desenhos, a maioria de figuras de teatro, dança e circo. Hoje, tenho vários modelos em camisetas, bolsas, bonés, chaveiros, etc., além de algumas esculturas decorando a pousada.

A Arte de Jonas



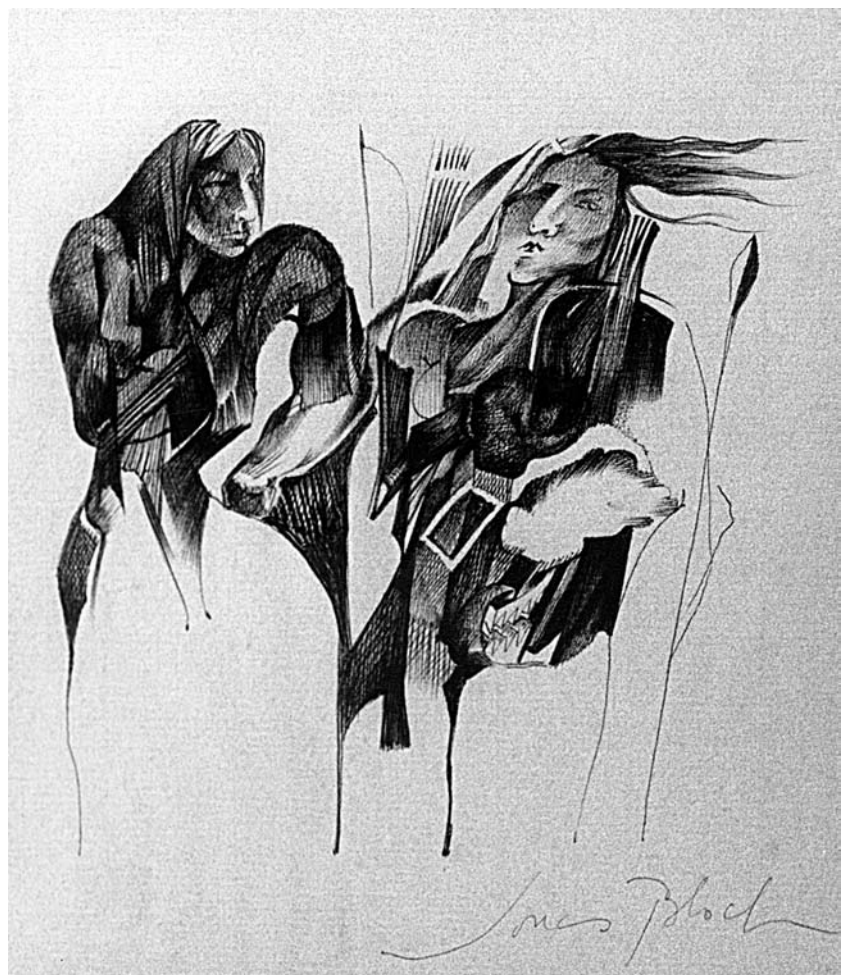
Nesta e nas páginas seguintes, esculturas e desenhos de Jonas Bloch





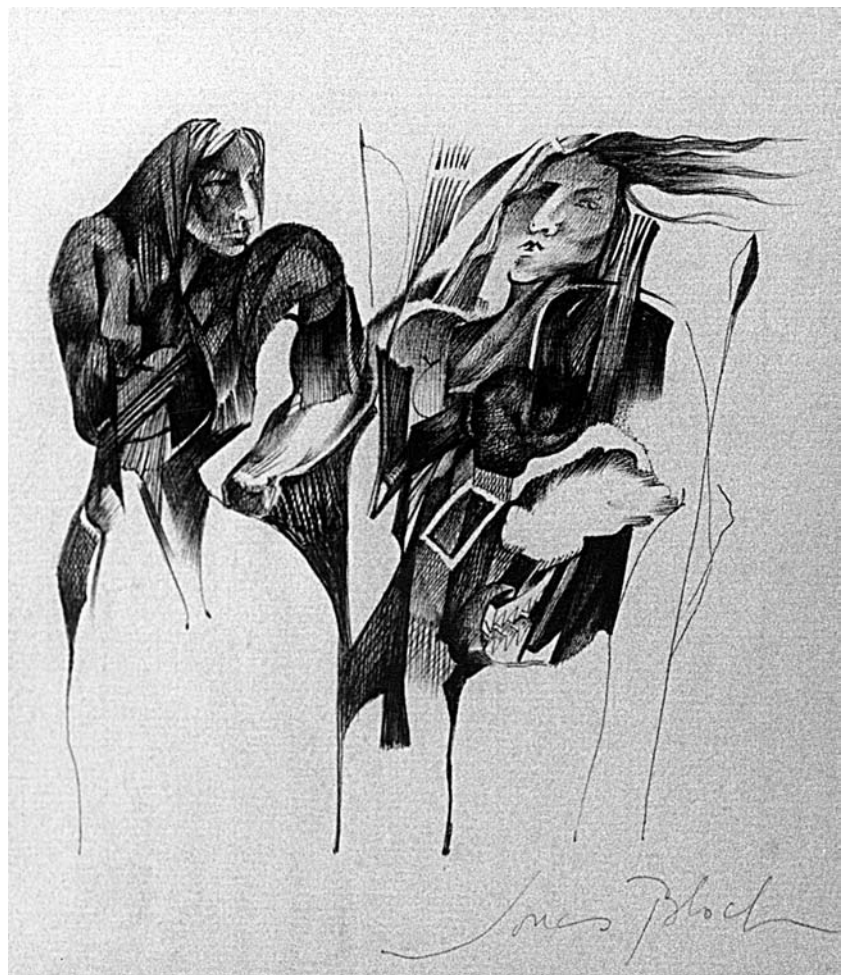


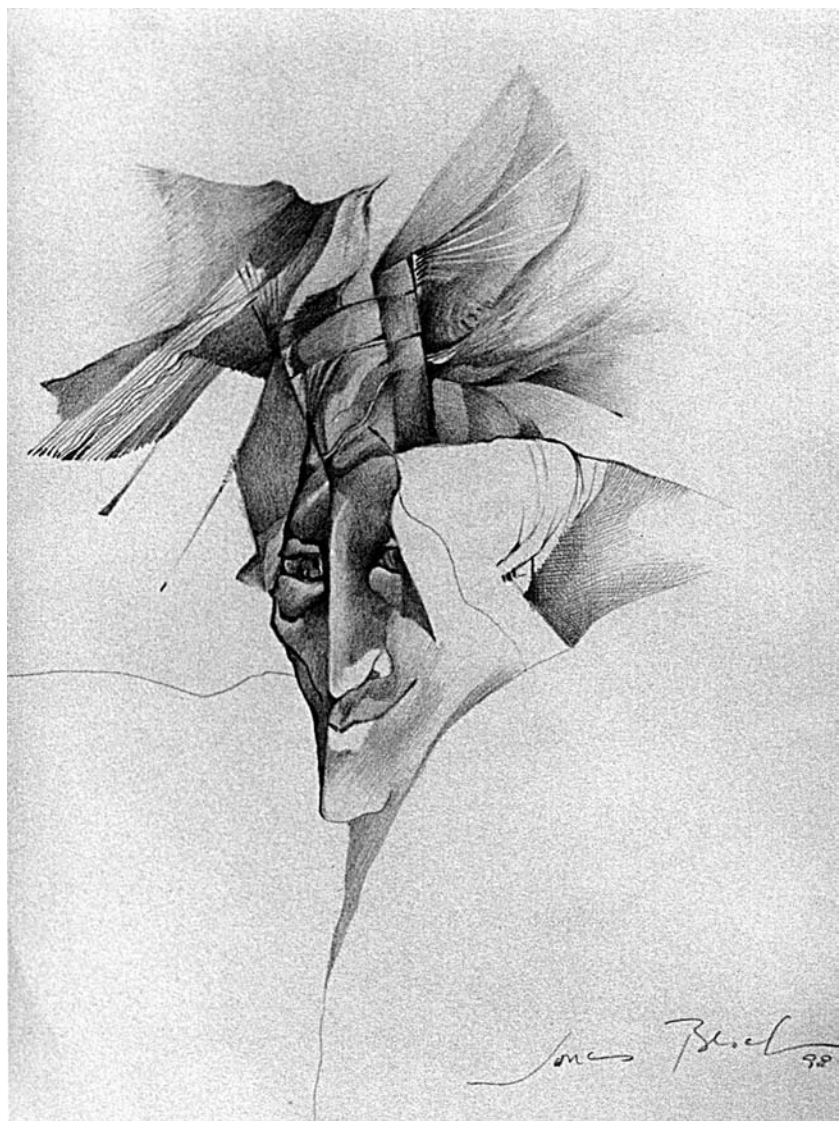


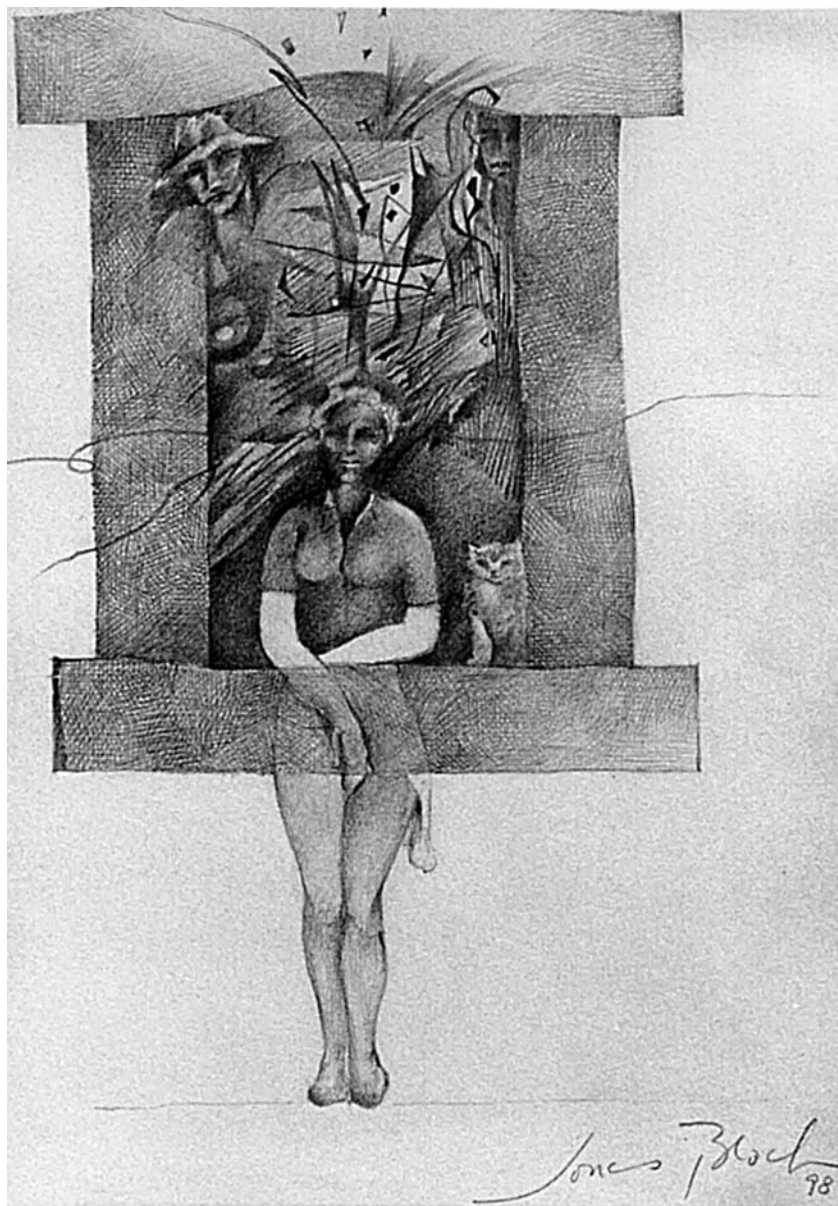












Capítulo XXXIII

Lá

Era a véspera da estreia da peça *Senhor das Flores* em Portugal e minha prima-mãe-irmã-amiga Mary estava de passagem por Lisboa e foi assistir ao ensaio geral. Quando terminou, ela me disse, muito comovida e sem poder conter as lágrimas: *Você chegou lá!*

Como ela havia acompanhado toda a minha trajetória, entendi que este *lá* significava que, além de ter realizado o meu sonho de ser ator, eu havia alcançado um padrão de qualidade que a deixava emocionada. Ao ouvir aquela frase fiquei feliz, especialmente porque no início de minha carreira ela tinha restrições ao meu trabalho. Mas não pude deixar de me perguntar o que este *lá* significava para mim. No começo de carreira, estar *lá* era estar em cena, e isto bastava.

151

Mais tarde, depois de estar constantemente em cena, o *lá* significava estar em bons trabalhos, interpretando papéis que me dessem a chance de ir mais longe artisticamente, conquistar um maior espaço profissional.

Na carreira de um ator a sorte pode jogar a favor ou contra, e temos que nos submeter a ela. Quando estamos compromissados com um determinado trabalho não podemos aceitar

outros convites para projetos que poderiam ser mais gratificantes, tanto artisticamente, quanto em prestígio. Faz parte do jogo. Mas e agora, já tendo conquistado o espaço e o prestígio (que nunca achamos que é o suficiente), o que seria este *lá*?

A maturidade nos traz uma consciência maior de nossos limites e transcendê-los é parte do chegar *lá*. Continuar trabalhando com constância, mesmo com a idade avançando, é chegar *lá*. Acompanhar o crescimento dos netos, o sucesso das filhas, continuar a viver com Sylvia, preservar nossa relação carinhosa de um amor intenso, é estar *lá*.

152 Espero vocês todos em meu próximo trabalho.
Até *lá*.

Antes de terminar, não posso deixar de agradecer a Mary Friedlaender por ter me contado a saga da família Bloch, mas, principalmente, por me ter amparado num momento tão difícil de minha vida.

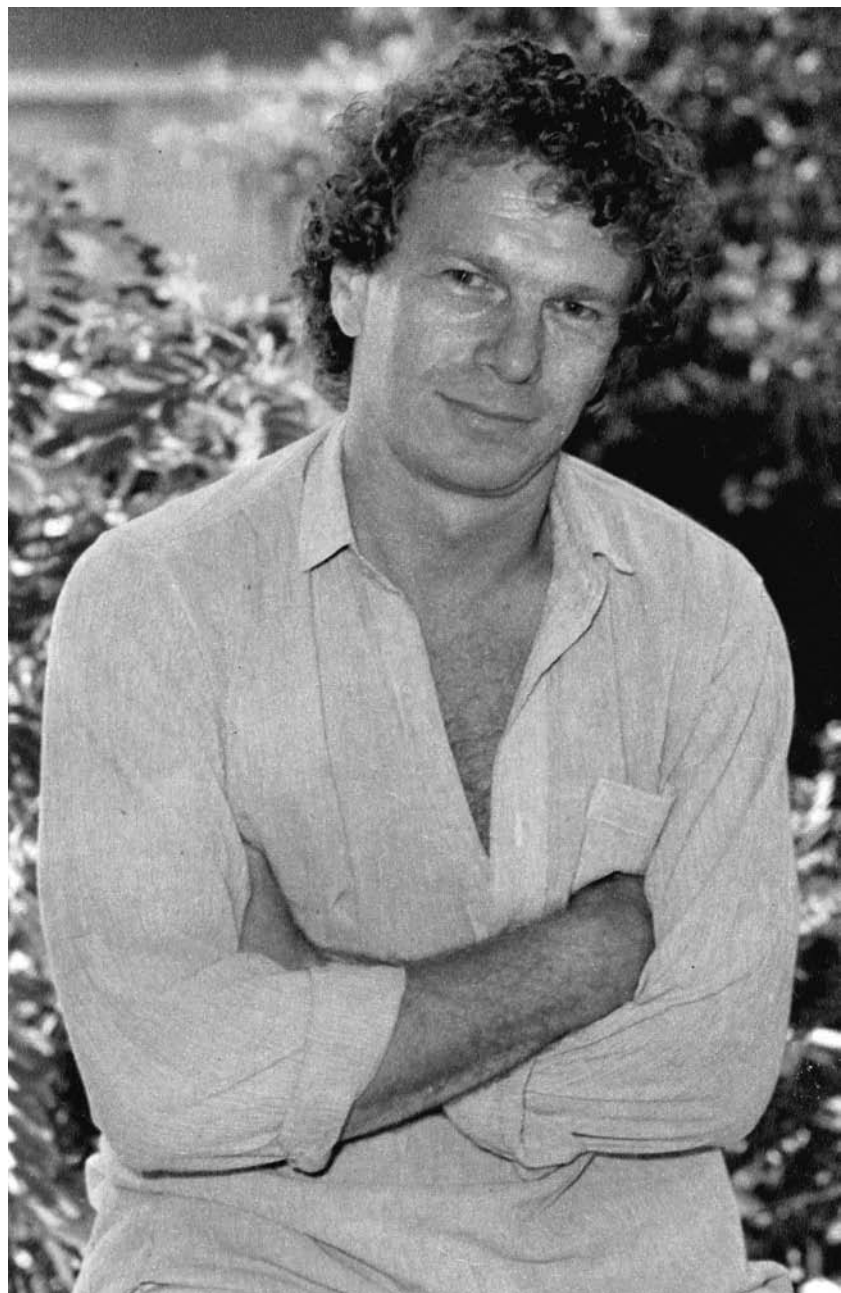
A Sylvia Vianna, que cedeu sua pesquisa sobre a vinda dos Bloch ao Brasil, e à sua luz, que ilumina minha vida.

A Rubens Ewald Filho, pelo convite para que este livro fosse feito.

A Nilu Lebert, que, com grande carinho e respeito, como ela diz, *dançou comigo este tango* sem que nenhum de nós dois pisasse no pé do outro.

153

Aos jornalistas mineiros, que foram canalhas comigo, por terem provocado a minha saída de Minas. Se não fossem eles, talvez eu não tivesse tido esta trajetória.



Jonas Bloch • Curriculum

Cinema

- 28 longas-metragens
- 6 participações
- 4 curtas-metragens

Teatro

- 39 peças como ator e muitas outras como diretor e/ou autor

Televisão

- 16 novelas
- 4 minisséries
- 18 especiais/participações

Resumo

155

Jonas Bloch é um artista cuja carreira ficou marcada como uma das trajetórias mais diversificadas que um artista brasileiro poderia ter. Às vésperas de completar 50 anos de carreira, ele é formado em Artes Visuais e em vários cursos de teatro. Lecionou interpretação em diversas universidades. É ator, diretor e autor.

Trabalhou em cinema, teatro e televisão com os mais variados tipos de diretores. Em seu vasto curriculum, há uma enorme variedade de experiências, indo de Shakespeare a comédias de costumes, de filmes ambiciosos a novelas leves e musicais, sempre com o empenho de um artista apaixonado pela sua arte.

Entre seus trabalhos de teatro incluem-se *Hamlet*, *Sonhos de uma Noite de Verão* (Shakespeare), *Peer Gynt* (Ibsen), *Franck V* (Durrematt), a participação na Mostra Internacional de Teatro de Montevideu com *Besame Mucho*, Festival de Cabo Verde, Mindelact, com *Hilário*, em Portugal no Festival do Porto e de Vianna do Castelo com *Senhor das Flores*, e em dezenas de peças como ator, às vezes como diretor e autor.

Atuou em filmes internacionais, como *Sigilo Absoluto* (Discretion Assured), ao lado de Michael York, *Woman on Top*; o italiano *Butterfly*, além dos nacionais como *Caso Cláudia*, *Aveté*, *O Homem da Capa Preta*, *A Terceira Morte de Joaquim Bolívar*, *O Dia da Caça*, *Amarelo Manga*, *Cabra-Cega* (prêmio Fiesp, de melhor coadjuvante), entre muitos outros.

Foi homenageado no 28º Festival de Cinema Guarnice, Maranhão, e no de Canoa Quebrada, por sua trajetória.

Com uma constante presença na televisão, vem participando de novelas e *minisséries*, como *Corpo Santo*, *Mulheres de Areia*, *A Viagem*, *Bicho do Mato*, *Você Decide*. Participou da minissérie *Garret*, da RTP, TV portuguesa, entre tantas produções que o fizeram conhecido do público em todo o Brasil e em alguns países.

Cinema

Ator

2006

- *Minha Vida não Cabe Num Opala*, de Reinaldo Pinheiro

2002

- *Cabra-Cega*, de Toni Venturi
- *Filhas do Vento*, de Joel Zito Viana

2001

- *Apolônio Brasil*, de Hugo Carvana
- *Amarelo Manga*, de Cláudio Assis

2000

- *Histórias do Olhar*, de Isa Albuquerque

1999

- *Woman on Top (Sabor da Paixão)*, de Fina Torres
- *O Circo das Qualidades Humanas*, de Paulo Augusto Gomes

Curtas:

- *Texas Hotel*, de Cláudio Assis
- *Sal da Terra*, vídeo de José Louzeiro

1998

- *Uma Aventura do Zico*, de A. C. Fontoura

1997

- *Kenoma*, de Eliane Caffé.
- *A Terceira Morte de Joaquim Bolívar*, de Flávio Cândido
- *O Dia da Caça*, de Alberto Graça

1996

- *Policarpo Quaresma*, de Paulo Thiago

1995

- *Doces Poderes*, de Lúcia Murat

1994

- *Caligrama*, de Eliane Caffé

1993

- *Butterfly*, de Nino Cervi (TV RAI - Itália)

1992

- *Discretion Assured*, de Odorico Mendes
- 1999, de Tony Venturi

1990

- *Sampaku*, de J. Joffily

1989

- *Arabesco*, de Eliane Caffé

1987

- *Com o Diabo na Cama*, de M.Tarancini

1985

- *O Homem da Capa Preta*, de Sérgio Rezende
- *Tropclip*, de Luís Fernando Goulart.

1984

- *Avaeté*, de Zelito Vianna

1983

- *Quilombo*, de Cacá Diegues

1982

- *Doce Delírio*, de Manoel Iraldo Paiva.

1981

- *Paraíso Proibido*, de Carlos Reichenbach
- *Retrato Falado*, de Hélio Porto

1979

- *Caso Cláudia*, de Miguel Borges

1977

- *Inquietações de uma Mulher Casada*, de A. Salva

1976

- *À Flor da Pele*, de F. Ramalho

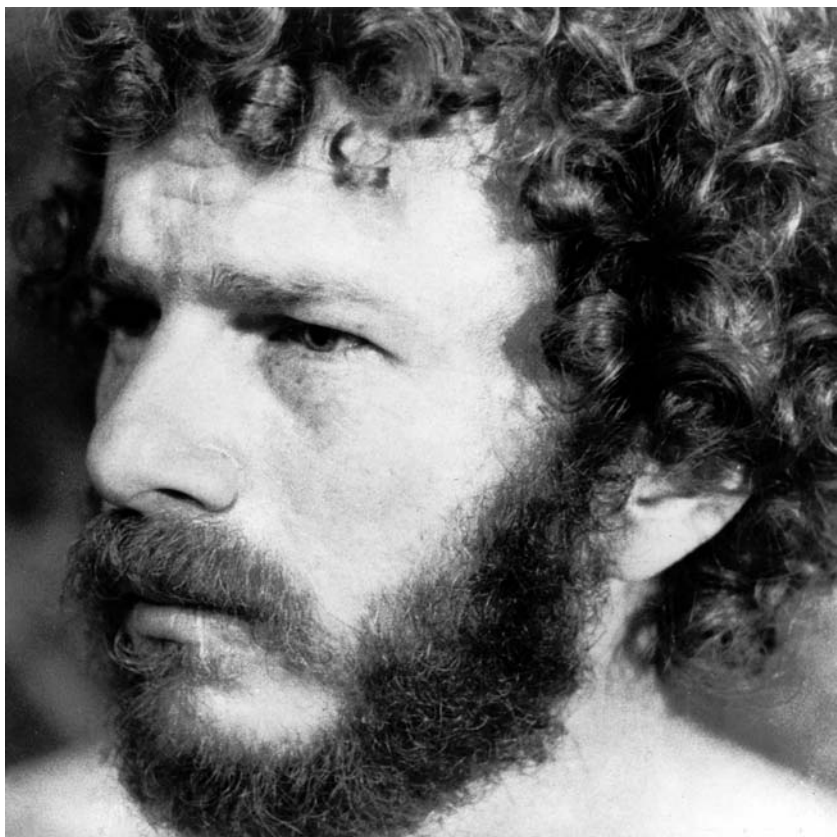
- *Tenda dos Milagres / Ouro Sangrento*, de César Ladeira Filho

1973

- *Santa Donzela*, de Flávio Porto

1971

- *Marta de Tal*, de J. Rubens Siqueira



Em cena de Marta de Tal

Teatro

Ator – Rio de Janeiro

2005/2006

- *Senhor das Flores*, Portugal e Brasil - Festival do Porto (Fitei) e de Vianna do Castelo (Festeixo), além de mais 19 cidades portuguesas

2004

- *Barrela e Senhor das Flores*, de Plínio Marcos, em Portugal

2003

- *Hilário*, Festival de Comédia da Maia – Porto, Portugal

2001/2002/2003

- *Três Homens Baixos*, de Rodrigo Murat

2000

- *Hilário*, de Jonas Bloch

1998

- *Brasil S.A.*, de Antônio Ermírio de Moraes

1995

- *Te Buscando pelo Averso*, de Ari Chen

1994

- *Terceiro Sinal*, de Jonas Bloch

1992

- *Odeio Hamlet*, de P. Rudnick, dir: J. Wilker

1990/91

- *Cabaré Maravilha*, coletânea de Jonas Bloch

1990

- *Não Explica que Complica*, dir: Bibi Ferreira

1989

- *Annos Loucos*, dir: Márcio Augusto



Em cena de Senhor das Flores



Em cena de Terceiro Sinal

1987

- *Camas Redondas, Casais Quadrados*, dir: J. Renato

1986

- *Larga do Meu Pé*, de Feideau, dir: Luiz de Lima

1984

- *Besame Mucho*, de M. Prata, dir: Aderbal Freire - 1ª Mostra Internacional de Teatro Montevideu

1983

- *Besame Mucho*, de M. Prata, dir: Aderbal Freire

1982

- *A Eterna Luta Entre o Homem e a Mulher*, de Millôr Fernandes, dir: Gianni Ratto

1980

- *Campeões do Mundo*, de Dias Gomes, dir: A. Mercado

1979

- *Investigação na Classe Dominante*, J. Priestley, dir: Flávio Rangel

1978

- *Curral das Maravilhas*, coletânea

1977

- *Dois Pontos*, coletânea
- *É...*, de Millôr Fernandes

1958

- *Auto da Compadecida*, de A. Suassuna



Cartaz de Larga do Meu Pé (ao lado) e em cena de A Eterna Luta Entre o Homem e a Mulher, com Tetê Medina (abaixo)



Teatro

Ator – São Paulo

1976

- *Pano de Boca*, de F. Arap, dir: F. Arap

1975

- *Os Executivos*, de M. Chaves, dir: S. Siqueira

1974

- *Lulu*, de Wedekind. dir: Ademar Guerra

1973

- *Franck V*, de Durrematt, dir: F. Peixoto

1972

- *Sonhos de uma Noite de Verão*, de W. Shakespeare

- *Hair*, musical

- *Jesus Cristo Superstar*, musical

165

1971

- *Peer Gynt*, de H. Ibsen, dir: Antunes Filho

1970

- *Álbum de Família*, de N. Rodrigues, dir: J. Barcelos

- *Marta de Tal*, de G. Mello

1969

- *Hamlet*, de W. Shakespeare, dir: F. Rangel

Teatro

Ator – Minas Gerais

1968

- *Numância*, de Cervantes, dir: Amir Haddad

1967

- *Oh! Oh! Oh! Minas Gerais*
- *Canto ao Amanhã*

1966

- *O Homem e seu Grito*, textos de Brecht
- *Bolota Contra o Bruxo*

1965

- *Escorial*, de M. Ghelderode

1963

- *Esquina Perigosa*, de J. Priestley
- *Sonhos de uma Noite de Verão*, de W. Shakespeare, dir: Haydée Bittencourt

1961

- *Os Fuzis da Sra. Carrar*, de B. Brecht

1959

- *O Caso do Vestido*, de C. Drummond de Andrade

166

Teatro

Diretor

2000

- *Hilário*, de Jonas Bloch

1996

- *Baby Game*, de Margareth Elliot

1995

- *Fulustreca e Paspalhão*, musical infantil

1994

- *Terceiro Sinal*

1990

- *Cabaré Maravilha*

1981

- *Pequenos Burgueses*, de M. Gorki

1978

- *Curral das Maravilhas*

1977

- *Dois Pontos*

1975

- *Ripiô Lacaia*, de Chico de Assis

1974

- *A Noite dos Assassinos*, de J. Triana
- *Rastro Atrás*, de J. Andrade
- *O Circulo de Giz Caucasiano*, de B.Brecht (EAD/USP)

1973

- *Dança Lenta no Local do Crime*, de W. Hanley
- *O Inspetor Geral*, de Gogol
- *Um Alicate no Arame Farpado* (Escola de Artes/São Caetano)

167

1972

- *Os Pequenos Burgueses*, de M. Gorki

1971

- *Quando as Máquinas Param*, de P. Marcos

Teatro

Diretor – Minas Gerais

1968 - em parceria com Jota Dangelo:

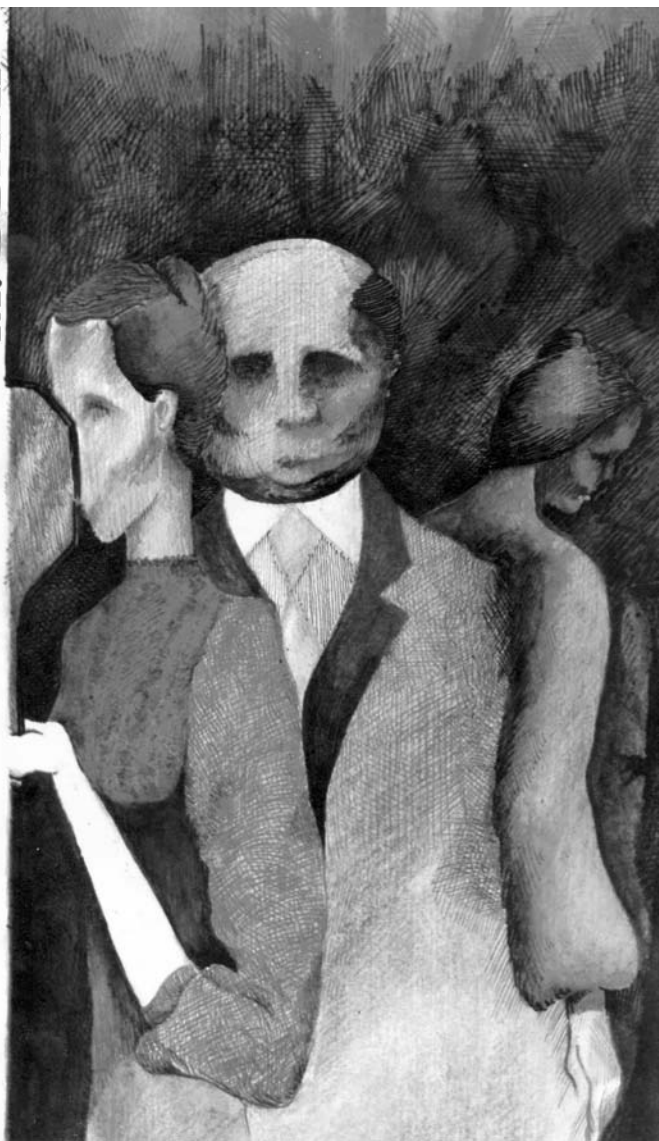
- *Oh! Oh! Oh! Minas Gerais*
- *Canto ao amanhã*
- *O Homem e seu Grito*, de B. Brecht
- *Bolota e o Segredo do Tesouro Verde*

1965

- *Halewin*, de M. Ghelderode

PEQUEÑOS BURGUESES

M. GORKI



Cartaz de Jonas para Pequeños Burgueses

1964

- *Os Fuzis da Sra. Carrar*, de B. Brecht

1963

- *O Namorado*, de M. Pena

1962

- *Pinóquio*, de A. Casona

Televisão

Ator

2008

- *Amor e Intrigas*, novela TV Record

2007

- *Bicho do Mato*, novela TV Record

2006

- *Avassaladoras*, episódio da série, Fox e Record

2005

- *Os Ricos Também Choram*, novela SBT

2004

- *Senhora do Destino*, participação, novela TV Globo

2003

- *Jamais te Esquecerei*, participação, novela SBT

2000

- *Garret*, minissérie, RTP - TV portuguesa

1999

- *Mulher*, série, TV Globo
- *Você Decide: Amélia*, série, TV Globo
- *Zorra Total*, humorístico, TV Globo
- *Megatom*, humorístico, TV Globo

BICHO DO MATO

Estréia terça-feira, dia 18, às 19h15.
A nova novela que vai pegar você.



Escrita por Cristianne Fridman e Bosco Brasil.
Direção de Edson Spinello.

RECORD
A caminho da liderança.

*Cartaz promocional de Bicho do Mato, e em cena de
Senhora do Destino*



- *Santo de Casa*, série, TV Bandeirantes

1998

- *Malhação*, seriado, TV Globo
- *Você Decide: Amor Eterno*, TV Globo

1997

- *Você Decide: O Intruso*, TV Globo
- *Você Decide: Culpado ou Inocente*, TV Globo

1996/97

- *Perdidos de Amor*, novela, TV Plus / TV Bandeirantes e RTP

1996

- *Quem é Você?*, novela, TV Globo

1995

- *Irmãos Coragem*, novela, TV Globo
- *Você Decide: Paixão Bandida*

1994

- *Você Decide: Último Desejo*
- *A Viagem*, novela, TV Globo
- *Incrível, Fantástico*, especial TV Manchete

1993

- *Mulheres de Areia*, novela, TV Globo

1992

- *Você Decide: Tabu*, TV Globo

1991

- *O Dono do Mundo*, novela, TV Globo
- *O Portador*, minissérie, TV Globo

1989/90

- *Top Model*, novela, TV Globo

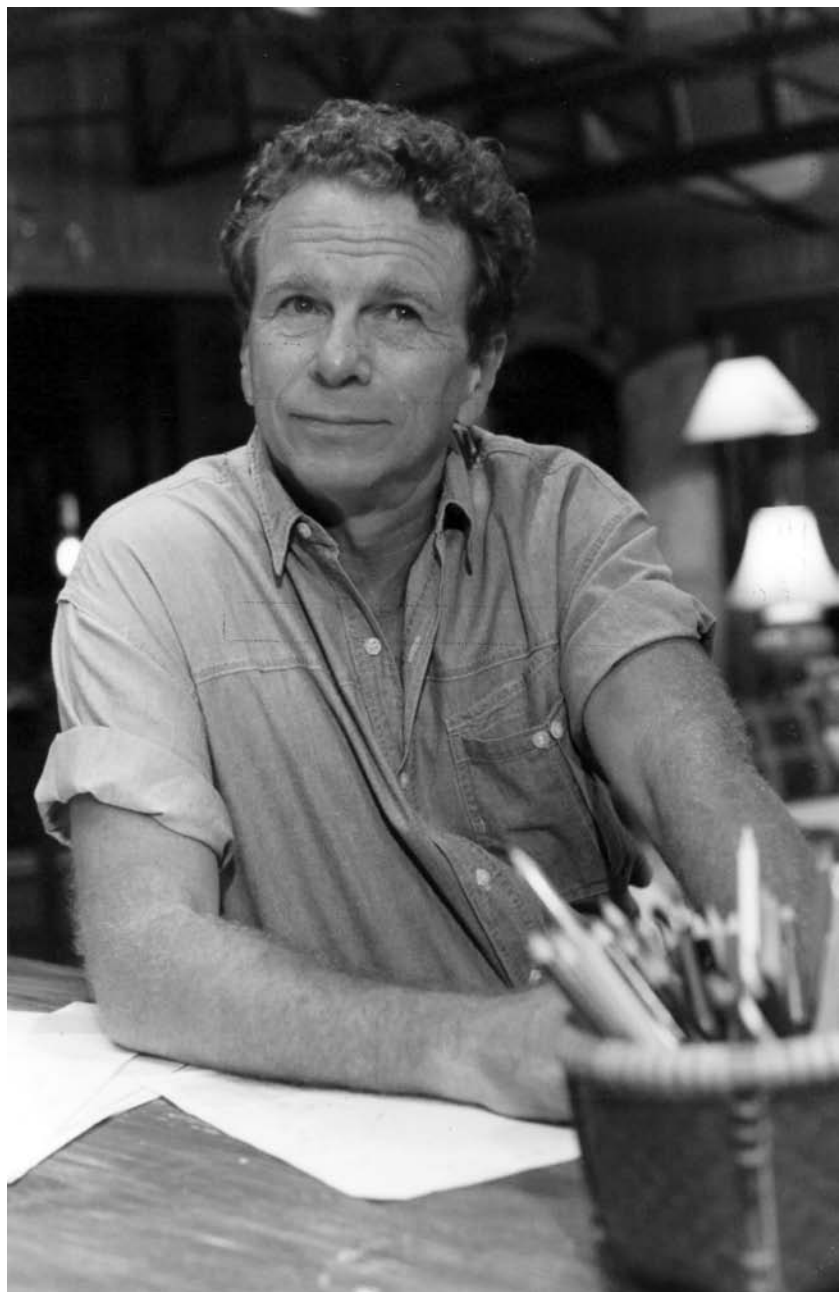
1988

- *Olho Por Olho*, novela, TV Manchete

1987

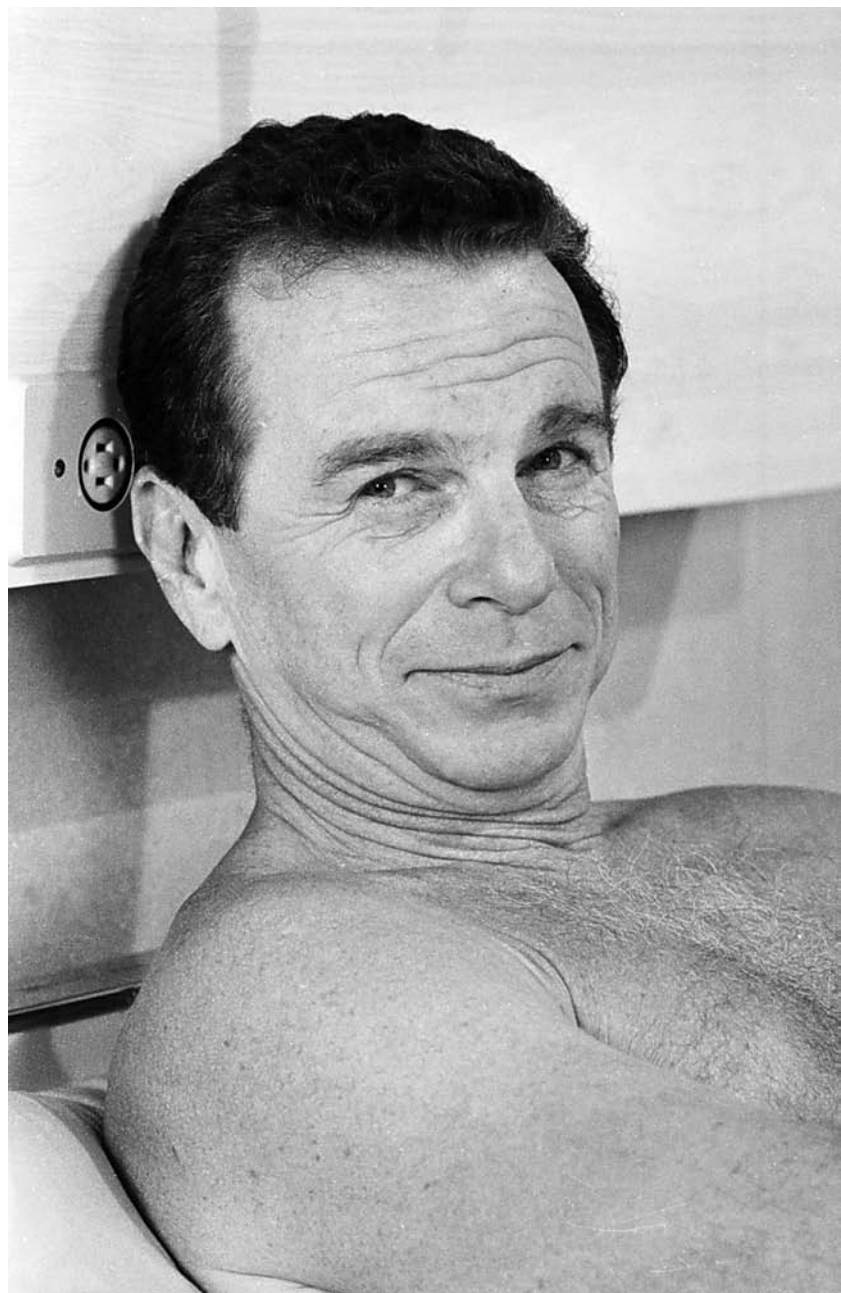
- *Corpo Santo*, novela, TV Manchete







Em cena de Franck V

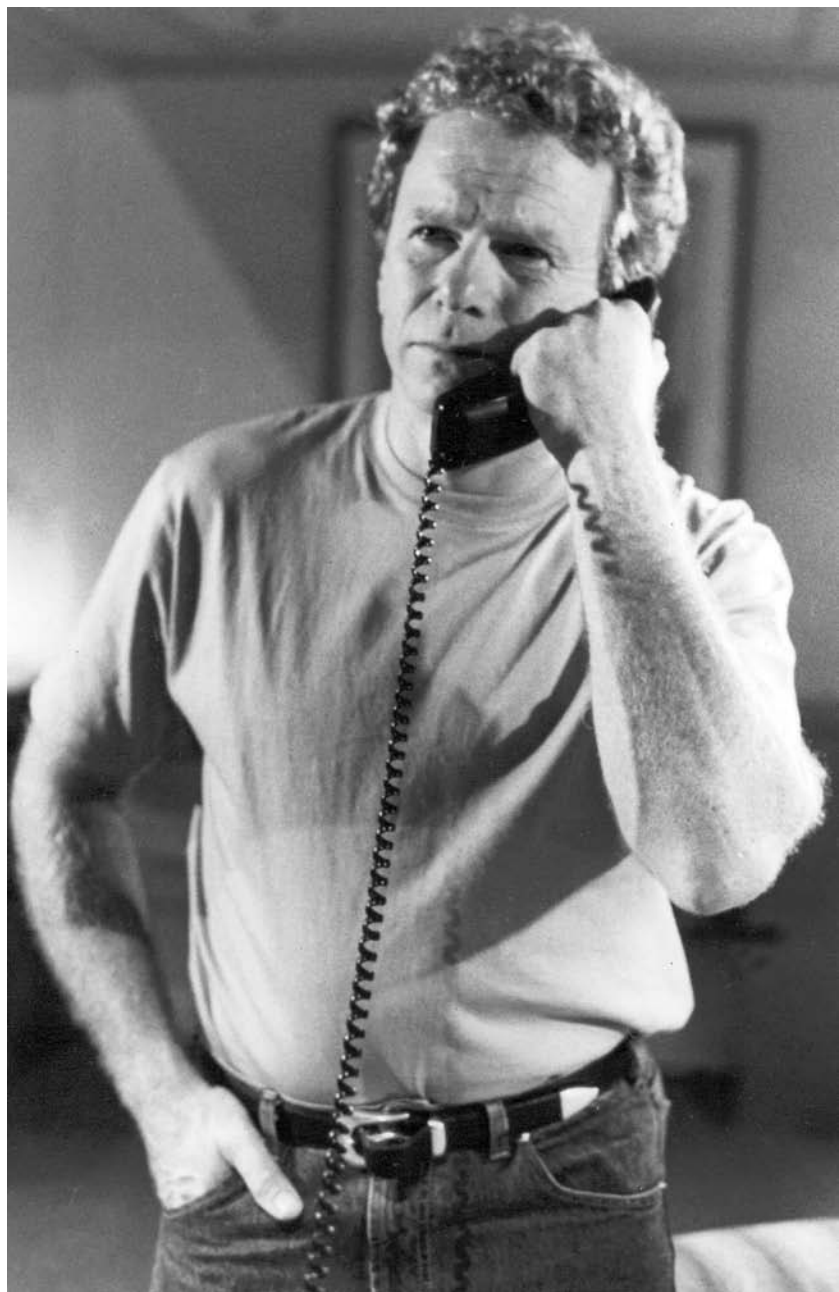




Em cenas de A Viagem (ao lado) e Mulheres de Areia (acima)



*Em cenas de O Dono do Mundo, com Antonio Fagundes
(acima) e O Portador (ao lado)*



1986

- *Novo Amor*, novela, TV Manchete
- *Estrela do Mar*, minissérie, TV Globo
- *O Russo Desaparecido*, minissérie, TV Globo
- *Seguro Morreu de Velho*, minissérie, TV Globo
- *Carne de Sol*, especiais, TV Bandeirantes
- *Selva de Pedra*, novela, TV Globo

1985

- *Projeto Z*, minissérie, TV Manchete

1984

- *Santa Marta Fabril*, TV Manchete

1983

- *Familonária*, show, TV Bandeirantes

1982

- *Sétimo Sentido*, novela, TV Globo
- *Especiais: O Assalto / O Homem que Incendiou o Maracanã / Circo de Escavalinho*, TV Globo

1980

- *Olhai os Lírios do Campo*, novela, TV Globo

1979

- *Pai Herói*, novela, TV Globo
- *David e Golias*, minissérie, TV Globo

1977

- *Sem Lenço e Sem Documento*, TV Globo

1976

- *Canção para Isabel*, novela, TV Tupi - SP
- *Ovelha Negra*, novela, TV Tupi SP

1969

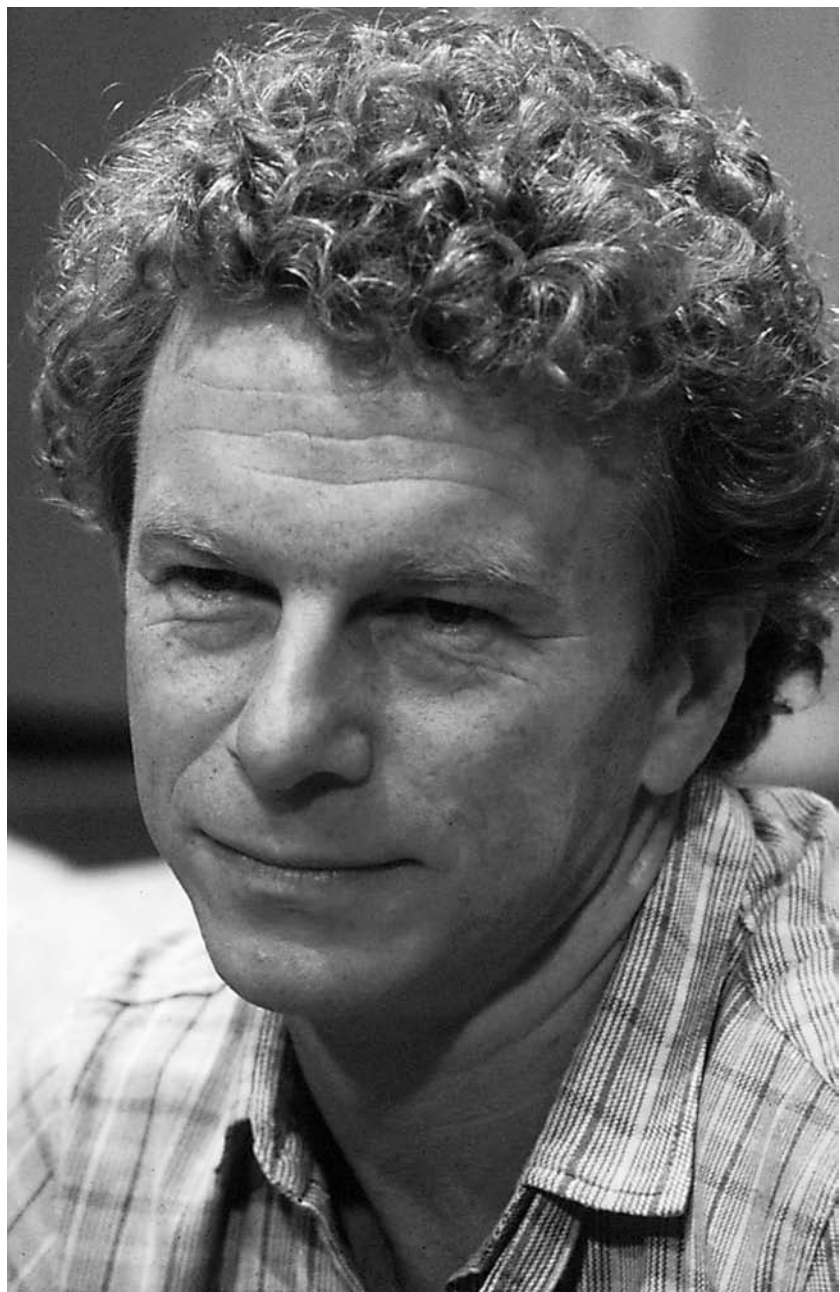
- *Algemas de Ouro*, novela, TV Record

1958

- *Câmera Um*, especiais, TV Tupi Rio

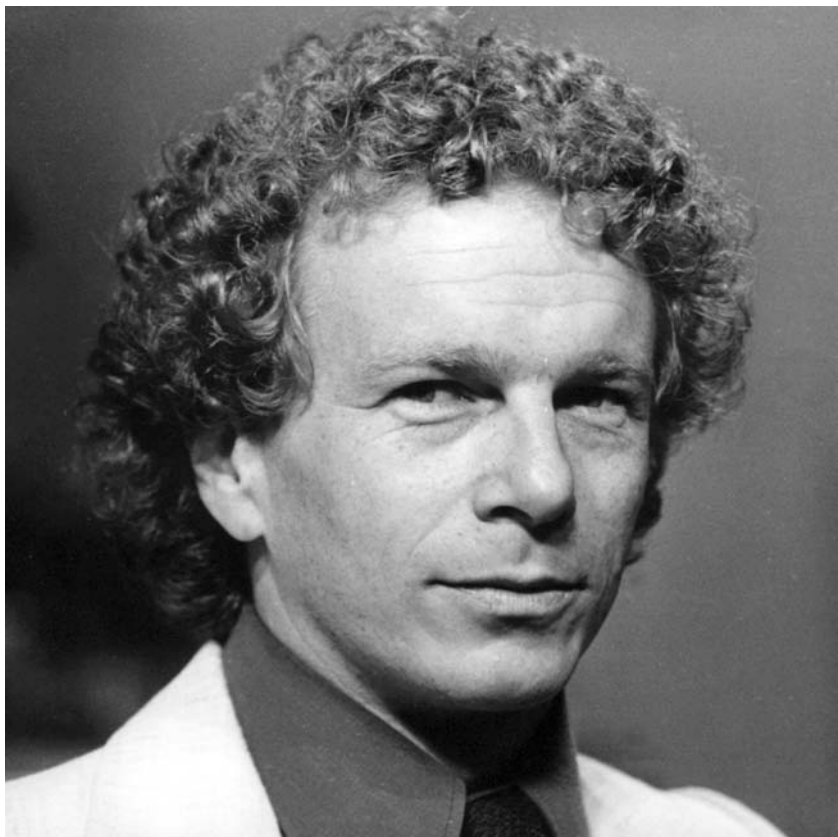


Em cena de Annos Loucos





Em cenas de Sétimo Sentido (ao lado) e Olhai os Lírios do Campo (acima)



Acima, em cena de Pai Herói, e à direita, com D. Marisa Letícia, Dira Paes, o presidente Lula e Leona Cavalli



Prêmios

2007

- Homenagem pela carreira no Festival de Canoa Quebrada

2006

- Prêmio Fiesp de Cinema: Melhor Coadjuvante por *Cabra-Cega*

2005

- Homenagem no 28º Festival de Cinema-Guaranice, Maranhão

2004

- Wizo Gold Award

2003

- Prêmio Tam / Academia Brasileira de Cinema: indicação a Melhor Coadjuvante, por *Amarelo Manga*

1993

- Internacional Export Services Qualidade Brasil

1992

- Internacional Export Services Qualidade Brasil

1978

- SNT - *Curral das Maravilhas* (um dos 5 melhores do ano)

1977

- SNT - *Dois Pontos* (um dos 5 melhores do ano)

1975

- Governador do Estado/SP: Melhor espetáculo *Ripió Lacaia*

1974

- Governador do Estado/SP: Melhor espetáculo *A Noite dos Assassinos*, de José Triana

1973

- Indicação: Melhor Coadjuvante por *Franck V*

1972

- Festival Cotaesp - 2º lugar: *Os Pequenos Burgueses*

1971

- Índio de Ouro (TV Tupi/SP) Melhor direção

1963

- AMT - Melhor Ator: *Sonhos de uma Noite de Verão*

1962

- AMT - Melhor Cenário: *O Santo e a Porca*

Autor

1999

- *Hilário*

1995

- *Fulustreca e Paspalhão* - musical infantil

1993

- *Terceiro Sinal*

1990

- *Cabaré Maravilha*, show

1979

- *Dois Pontos*: coletânea

1978

- *Curral das Maravilhas*: coletânea

1973

- *Um Alicate no Arame Farpado*.

Em parceria com Jota Dangelo:

- *Oh! Oh! Oh! Minas Gerais* (1968)
- *Canto ao Amanhã* (1967)
- *O Homem e seu Grito* (1966)

1965

- *Bolota Contra o Bruxo* - musical infantil
- *Bolota e o Segredo do Tesouro Verde*

Professor

2004/5

- Workshop em Lisboa, Portugal – VOC prod.

2002

- Workshop - Festival de Inverno de Mariana
- UniBh - em Lavras Novas/MG

2000

- Workshop – Fafi – Vitória
- Sesc - Campos

1999

- Workshop – Colégio Arnaldo – Belo Horizonte

1997

- Workshop - Instituto Hebraico - São Paulo

1995

- Workshop Secretaria de Cultura de Itabira

1994

- Workshop em Fortaleza / Secretaria Estadual de Cultura
- Workshop em Belo Horizonte

1975

- Universidade de S. Paulo/ECA

1974

- Universidade de S. Paulo/EAD
- 8º Festival de Inverno de Ouro Preto

1973

- 7º Festival de Inverno de Ouro Preto
- Fundação de Artes de S. Caetano

1972

- Escola Ruth Rachou - S.Paulo

Índice

Apresentação – José Serra	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Apresentação	11
Introdução	15
Álbum de família	17
Pão, Amor e Fantasia	29
Aurora da Minha Vida	33
Um Gosto de Mel	37
Oh! Oh! Oh! Minas Gerais!	43
Tempo de Despertar	47
Happening	53
Um Equilíbrio Delicado	55
Muito Além do Jardim	59
À Flor da Pele	63
Um Sonho de Liberdade	65
Minas Não Há Mais	67
Pauliceia Desvairada	71
Um Estranho no Ninho	75
Pão	77
Técnica	81
O Tempo e o Vento	83
Adivinhe Quem Vem Para...	85
Música no ar	87

O Espelho Tem Duas Faces	91
Três Mosqueteiros	95
Persona	101
Um Lugar ao Sol	105
Cinema Paradiso	111
O Feijão e o Sonho	117
Luz, Câmera, Ação! – Michael York	119
Bodas de Ouro	125
Um Lugar no Coração	127
As Filhas	129
Sylvia	133
Depoimento	135
Uma Pousada	137
A Arte de Jonas	140
Lá	151
Jonas Bloch • Curriculum	155

Créditos das fotografias

Cedoc TV Globo 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 181, 182, 184

Jorge Baumann/Cedoc TV Globo 179

Nelson Di Rago/Cedoc TV Globo 183

Fotos Amaral 110

Mauro S. V. Gomes 67, 68

Revista Contigo 154

Sylvia Vianna 98, 99

TV Record 170

Xico Lima 122, 123

A presente obra conta com diversas fotos, grande parte de autoria identificada e, desta forma, devidamente creditada. Contudo, a despeito dos enormes esforços de pesquisa empreendidos, uma parte das fotografias ora disponibilizadas não é de autoria conhecida de seus organizadores, fazendo parte do acervo pessoal do biografado. Qualquer informação neste sentido será bem-vinda, por meio de contato com a editora desta obra (*livros@imprensaoficial.com.br* | Grande São Paulo SAC 11 5013 5108 | 5109 | Demais localidades 0800 0123 401), para que a autoria das fotografias porventura identificadas seja devidamente creditada.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:

Os Anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfara – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoadá: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schvarzman

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e

Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

***Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas
no Planalto***

Carlos Alberto Mattos

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

***Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança
Universal***

Sérgio Rodrigo Reis

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílabas

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso – Pólvora e Poesia

Alcides Nogueira

O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um teatro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro

Ivam Cabral

O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista – O Fingidor – A Terra Prometida

Samir Yazbek

Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas em Cena

Ariane Porto

Série Perfil

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrindo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

***Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do
Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

***Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem
Indignado***

Djalma Limongi Batista

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 208

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso Série Perfil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Felipe Goulart
Editoração	Ana Lúcia Charnyai
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Dante Pascoal Corradini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Lebert, Nilu

Jonas Bloch : o ofício de uma paixão / Nilu Lebert – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

208p. : il. – (Coleção aplauso. Série Perfil/ Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-701-0

1. Atores e atrizes cinematográficos – Brasil 2. Cinema – Produtores e Diretores. 3. Bloch, Jonas, 1939 I. Ewald Filho, Rubens II. Título. III. Série.

CDD 791.0921

Índices para catálogo sistemático:

1. Atores brasileiros : Biografia e Obra 791.092

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2008

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
Grande São Paulo SAC 11 5013 5108 | 5109
Demais localidades 0800 0123 401

editoração, ctp, impressão e acabamento

imprensaoficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 2799-9800 - 0800 0123401
www.imprensaoficial.com.br

Com 50 anos de carreira, **Jonas Bloch** é um dos artistas brasileiros mais completos. Formado em Artes Visuais, lecionou interpretação em diversas universidades. É ator, diretor e autor. Trabalhou em cinema, teatro e televisão, numa variedade de experiências que vai de Shakespeare a comédias de costumes, até 28 longas-metragens, sempre com o empenho de um artista apaixonado por sua arte.



Nascido no Rio, Jonas fez a primeira parte de sua carreira em Belo Horizonte, onde marcou época com diversas encenações. Problemas com a censura e a ditadura o trouxeram a São Paulo, onde prosseguiu com sucesso em espetáculos como *Hamlet*; *Sonhos de uma Noite de Verão*; *Peer Gynt*; *Franck V*, de Durrematt; além de apresentações em Portugal e festivais internacionais. Também na televisão teve participação destacada em novelas e minisséries, como *Corpo Santo*, *Mulheres de Areia*, *A Viagem*, e *Bicho do Mato*.



Jonas, que é pai da atriz Debora Bloch, relembra sua vida e trajetória neste livro-depoimento, feito pela jornalista **Nilu Lebert** (também autora, para esta coleção, dos livros sobre Sérgio Viotti e Beatriz Segall).

Mais um lançamento da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, em seu trabalho de resgate e preservação da Cultura Nacional.

ISBN 978-85-7060-701-0



9 788570 607010